

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA



ELABORAÇÃO DA ANSIEDADE NAS RESPOSTAS À PROVA “ERA UMA VEZ...” EM CRIANÇAS DA CASA DA PRAIA

Ana Filipa Gomes Paiva Ribeiro

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)

2011

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA



ELABORAÇÃO DA ANSIEDADE NAS RESPOSTAS À PROVA “ERA UMA VEZ...” EM CRIANÇAS DA CASA DA PRAIA

Ana Filipa Gomes Paiva Ribeiro

Dissertação Orientada pelo Prof. Doutor Bruno Ademar Paisana Gonçalves

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)

2011

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Bruno Gonçalves, pela disponibilidade, profissionalismo e paciência que demonstrou para comigo na realização do presente trabalho.

À Professora Doutora Teresa Fagulha pela partilha dos seus conhecimentos acerca da sua prova, pela ajuda sempre disponível e pela palavra amiga e motivadora.

À Professora Doutora Salomé Vieira Santos que tantas vezes, nas supervisões de estágio, conteve a minha ansiedade, aconselhando-me.

À Casa da Praia, na pessoa da Dr.^a Clara Castilho o meu muito obrigada pela amizade, compreensão, confiança em me ter facultado a sua amostra na certeza de que eu seria capaz. Sem essa confiança, este trabalho não teria sido possível.

Ao meu pai, pela paciência em corrigir ortograficamente todo o trabalho, e por todas as outras coisas bem mais importantes.

À minha mãe ao Diogo e à tia Nazaré que juntamente com o pai constituem o meu grande apoio.

Ao Luís, pela paciência, carinho e pelos sempre úteis “eu, na minha tese, foi assim.... e assim...”.

Aos meus amigos, companheiros de discussão e de convívio.

A todas as pessoas que directa ou indirectamente contribuíram para que este trabalho fosse hoje possível.

Muito Obrigada a todos.

Resumo

A Prova Projectiva “Era uma vez...” (Fagulha, 1992/2007) tem sido usada na avaliação de crianças com problemas psicológicos. Porém, ainda há poucos estudos empíricos caracterizando as respostas destas crianças. O presente estudo visa: 1) Caracterizar o padrão de respostas a esta Prova numa amostra de crianças com dificuldades de aprendizagem decorrentes de problemas emocionais, relacionando-o com o padrão da amostra de aferição da Prova; 2) Caracterizar as Estratégias de Elaboração da Ansiedade utilizadas pela amostra comparando-as com uma amostra de crianças sem problemas psicológicos identificados (Pires, 2001). Participaram no estudo, 126 crianças de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 6 e 11 anos, que frequentavam uma instituição (Casa da Praia) onde beneficiavam de apoio pedagógico-terapêutico. Foi usada a Prova Projectiva “Era uma vez...” (Fagulha, 1992/2007) na sua versão de sete cartões-estímulo. Os resultados mostram que, face a uma amostra de comparação (amostra de aferição da prova “Era uma vez...”), as crianças da Casa da Praia, fundamentalmente as da faixa etária dos 10-11 anos, se diferenciam por uma menor escolha de cenas de Realidade, na última posição da Sequência de Cenas. Relativamente às Estratégias de Elaboração da Ansiedade, verifica-se que as crianças da Casa da Praia, recorrem, significativamente mais à estratégia de Negação e menos à Estratégia Adaptativa Operacional, em comparação com a amostra de crianças sem problemas psicológicos identificados do estudo de Pires (2001).

Palavras-Chave: Prova Projectiva “Era uma vez...”; Estratégias de Elaboração da Ansiedade; Dificuldades de Aprendizagem; Problemas Emocionais; Casa da Praia.

Abstract

The Projective Technique "Once upon a time ... " (Fagulha, 1992/2007) has been used in the evaluation of children with psychological problems. However, there are very few empirical studies characterizing the responses of those children. This study aims to: 1) Characterize the pattern of responses to this projective technique in a group of children with learning difficulties due to emotional problems, relating them to the normative group responses, 2) Characterize the Anxiety Elaboration Strategies used by the group and comparing them with a group of children without identified psychological problems (Pires, 2001). Children (n=126) of both genders, aged between 6 and 11 years, who attended a institution (Casa da Praia), participated in the study, where they benefited from teaching-therapeutic support. The projective technique that was used was "Once upon a time ... " (Fagulha, 1992/2007) in it's seven stimulation card version. The results show that, compared with a comparison group (default study test group), the children of Casa da Praia, primarily those in the age group of 10-11 years are distinguished by a smaller choice of reality scenes, in the last position of the Scene Sequences. In relation to the Anxiety Elaboration Strategies, it appears that the children of Casa da Praia, rely significantly more to a Denial Strategy and less to the Operational Adaptive Strategy, in comparison to the group of children without psychological problems identified in Pires's study (2001).

Keywords: Projective Technique "Once upon a time ..."; Anxiety Elaboration Strategies, Learning Difficulties, Emotional Problems; Casa da Praia.

ÍNDICE

Introdução	1
Capítulo I: Revisão de Literatura	2
I.1 A Prova “Era uma vez...”	2
I.1.1 Estudo-piloto (1985)	2
I.1.2 Versão Actual (1992)	3
I.2 Estudos com a Prova “Era uma vez...”	5
I.3 A Prova vista no quadro geral da actividade lúdica infantil	8
I.4 Técnicas projectivas na clínica infantil	10
I.5 A imagem e a narrativa enquanto espaço transicional	11
I.5.1 No contexto escolar	11
I.5.2 Ao nível social e cultural	12
I.5.3 Num contexto psicológico	12
I.6 Problemas emocionais e dificuldades de aprendizagem	15
I.7 A Casa da Praia	17
Capítulo II: Objectivos e Hipóteses	19
II.1 Objectivos	19
II.2 Hipóteses	19
Capítulo III: Método	20
III.1 Instrumento	20
III.2 Procedimento	20
III.3 Procedimentos Estatísticos	20
III.4 Participantes	21
Capítulo IV: Apresentação e discussão dos resultados	22
IV.1 Caracterização das respostas à Prova “Era uma vez...”	22
VI.1.1 Comparação com a amostra de aferição da Prova “Era uma vez...” em função do Cartão e da Idade	22
IV. 2 Caracterização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade (EEA)	31
IV.2.1 Comparação com o estudo de Pires (2001)	31
IV.2.1.1 Correlações entre as quatro EEA, na amostra da Casa da Praia	33

IV.2.1.2 Análise em função do Cartão	34
IV.2.1.3 Análise em função da Idade	36
Capítulo V: Conclusão	38
Referências Bibliográficas	41

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Caracterização da amostra, em frequências, em função do sexo e da idade	22
Quadro 2. Comparação da amostra com a amostra de aferição – Cartão I	23
Quadro 3. Comparação da amostra com a amostra de aferição – Cartão II	24
Quadro 4. Comparação da amostra com a amostra de aferição – Cartão III	25
Quadro 5. Comparação da amostra com a amostra de aferição – Cartão IV	26
Quadro 6. Comparação da amostra com a amostra de aferição – Cartão V	27
Quadro 7. Comparação da amostra com a amostra de aferição – Cartão VI	28
Quadro 8. Comparação da amostra com a amostra de aferição – Cartão VII	29
Quadro 9. Percentagem das EEA: Comparação com Resultados da Amostra do Estudo de Pires (2001) no total dos sete cartões	31
Quadro 10. Média das EEA: Comparação com Resultados da Amostra do Estudo de Pires (2001) no total dos sete cartões	32
Quadro 11. Correlações entre as quatro EEA na amostra de crianças da Casa da Praia	33
Quadro 12. Estratégias de Elaboração da Ansiedade: médias (em %) por Cartão	34
Quadro 13. Percentagem das Estratégias de Elaboração da Ansiedade, no total dos sete cartões, por idade, na amostra da Casa da Praia	36

LISTA DE ABREVIATURAS

Children Apperception Test	CAT
Estratégia Adaptativa Operacional	EAO
Estratégia com Equilíbrio Emocional	EEE
Estratégias de Elaboração da Ansiedade	EEA
Fairy Tales Test	FFT
Make a Picture Story Method	MAPS
Manchester Child Attachment Story Task	MCAST
Pata Negra	PN
School Apperception Story Procedure	SASP
Thematic Apperception Test	TAT

Introdução

O presente trabalho visa a caracterização e estudo das respostas à prova “Era uma vez...” (Fagulha, 1992) quanto à Sequência de Cenas, Categoria de Cenas mais escolhida e sua posição na Sequência, por parte de uma amostra de crianças que frequentava a Casa da Praia, estabelecendo o paralelo com as respostas da amostra de aferição da prova. As Estratégias de Elaboração da Ansiedade (EEA), serão também caracterizadas, sendo a comparação feita com a amostra de crianças sem problemas psicológicos identificados do estudo de Pires (2001).

A escolha desta população decorre, não só de um interesse pessoal na relação entre as dificuldades de aprendizagem e os factores de ordem emocional, mas também da oportunidade tida, durante o estágio curricular, de trabalhar mais de perto com as crianças utentes da Casa da Praia. Surge o interesse em perceber o que caracteriza estas crianças e o que as diferencia, ou não, das demais crianças sem problemas psicológicos identificados, em dimensões como a elaboração da ansiedade e do prazer, duas emoções tão presentes quando se fala de infância (Fagulha, 1992).

Já em estudos anteriores, a prova “Era uma vez...” foi usada em populações de crianças com problemas psicológicos identificados, bem como em crianças com dificuldades na aprendizagem (ver Fagulha, 1994 e Fagulha e Duarte Silva, 1996), constituindo, o presente trabalho uma investigação no seguimento desta linha de estudos.

O trabalho encontra-se organizado em cinco capítulos. O Capítulo I, refere-se à revisão de literatura, que aborda os principais temas de interesse no âmbito do tema. O Capítulo II, está consagrado à apresentação dos objectivos definidos para o estudo e hipóteses formuladas. No Capítulo III, far-se-á referência à metodologia, com a apresentação do instrumento utilizado, dos procedimentos e participantes. Os resultados, bem como a sua discussão, constarão no Capítulo IV. O último capítulo, é destinado à Conclusão, onde serão também apresentadas algumas limitações do estudo e sugestões para futuras investigações.

Capítulo I: Revisão de Literatura

I.1 A Prova “Era uma vez...”

A Prova “Era uma vez...” apresenta-se como uma prova projectiva para crianças, em que se pede à criança que crie e conte uma história (Fagulha, 2004). Foi desenvolvida e criada por Teresa Fagulha (1992, 2004).

I.1.1 Estudo-piloto (1985)

A primeira versão da Prova foi apresentada em 1985 e constituiu um primeiro estudo piloto. Posteriormente, foram introduzidas alterações, correcções e melhoramentos até chegar à forma em que a Prova nos é apresentada hoje. Da primeira versão da Prova faziam parte quatro cartões estímulo (versão masculina e versão feminina), referentes a situações críticas do dia-a-dia da criança, apresentados sob a forma de três acontecimentos, em quadros de banda desenhada, dispostos horizontalmente na parte superior de um cartão de cartolina, (Fagulha, 1992). A cada um destes cartões correspondiam nove cenas, das quais a criança deveria escolher três, colocando-as, depois, na parte inferior da cartolina referente ao cartão-estímulo, de forma a completar a história apresentada. Estas cenas distribuíam-se por três categorias. Três cenas, remetiam para sentimentos de ansiedade ou de aflição, três representavam uma visão mais realista da situação desagradável, aceitando-a ou tentando lidar com ela. Finalmente, três cenas que representavam uma resolução, para lidar com a ansiedade para a qual o estímulo remetia pelo uso da fantasia (Fagulha, 1992).

Foi criado um cartão-epílogo, apresentado no final de cada cartão estímulo, que representa a resolução do episódio crítico, evitando uma contaminação do cartão seguinte com a temática do cartão anterior (Fagulha, 1992).

Os quatro cartões estímulo que constituíram esta primeira versão designavam-se (Fagulha, 1992): PASSEIO COM A MÃE – representa a criança que passeia com a mãe, mas se distrai a cheirar uma flor, perdendo-se; PESADELO – a criança está a deitar-se, adormece e posteriormente acorda com um pesadelo; ESCOLA – representa o ambiente de sala de aula em que a professora está a explicar a lição, faz uma pergunta à qual todos sabem responder excepto a personagem; DIA DOS ANOS – representa o dia

de anos da personagem, os pais e amigos dão-lhe os parabéns, existindo também um bolo de aniversário.

I.1.2 Versão Actual (1992)

Actualmente, a “Era uma vez...” é uma Prova que se aplica a crianças entre os 5 e 11 anos. Tem como objectivo descrever a forma como as crianças elaboram as emoções, fundamentalmente emoções de prazer e ansiedade. A sua elaboração indicia aspectos muito importantes acerca da organização da mente na criança (Fagulha, 1992, 1994, 1996, 1997/2002, 1999, 2004; Fagulha e Duarte Silva, 1996). O processo de elaboração destas emoções processa-se num Espaço Transicional (Winnicott, 1971/1975).

Na Prova, são apresentadas à criança histórias incompletas, tal como referido atrás, em sete cartões-estímulo e um cartão-exemplo para treino da tarefa, sendo este naturalmente, o primeiro a ser apresentado. Este cartão, designado CARNAVAL, tem características semelhantes aos cartões-estímulo, e tem como tema uma situação de convívio entre crianças, em festa de Carnaval. Dada a sua função, as respostas a este cartão não são consideradas na análise dos resultados. Dos cartões-estímulo fazem parte, para além dos constantes na primeira versão da Prova, um cartão designado DOENÇA – apresenta uma situação em que a criança se encontra doente, de cama por ordem médica; PASSEIO À PRAIA – situação que remete para a possibilidade de participação numa actividade lúdica e prazerosa com outras crianças, na praia, bem como para a temática da aceitação ou não por parte das outras crianças e eventual perda do vínculo materno; BRIGA DOS PAIS – apresenta uma situação de desentendimento entre os pais, podendo desencadear sentimentos ligados à separação de casal.

Cada um dos cartões apresenta uma situação do dia-a-dia da criança numa sequência de três acontecimentos, que oscilam entre situações ansiogénicas e com um teor mais prazeroso. Assim, o PASSEIO COM A MÃE (I)¹; A DOENÇA (II); O PESADELO (IV); A BRIGA DOS PAIS (VI) e A ESCOLA (VII) remetem para uma vivência mais ansiosa, por parte das crianças. Nos cartões IDA À PRAIA (III) e DIA DE ANOS (V) há um maior apelo a uma situação prazerosa (Fagulha, 1992, 1994, 1996, 1997/2002, 1999, 2004; Fagulha e Duarte Silva, 1996). Relativamente às cenas a

¹ Indicam-se entre parêntesis os números referentes a cada cartão

escolher, o procedimento é igual ao usado no primeiro estudo com a Prova. Continuam a existir, para cada cartão-estímulo, nove cenas numeradas, em formato de banda desenhada, das quais se pede à criança que escolha três, de modo a completarem a história apresentada pelo cartão. Estas nove cenas correspondem a categorias diferentes. Três delas são cenas de Aflição (2, 4 e 9), representadas por A ; três são cenas de Fantasia (3, 5 e 7), representadas por F; três são cenas de Realidade (1, 6 e 8), representadas por R. Dentro das categorias de Aflição e Fantasia existem subcategorias, relacionadas com a intensidade. Por exemplo, cenas de Aflição, Muita Aflição, Fantasia Viável ou Fantasia Mágica. A categoria de Realidade não tem subdivisão (Fagulha, 1992, 1997/2002).

O procedimento de aplicação processa-se de modo estandardizado. O psicólogo apresenta a Prova, mostra à criança o cartão e descreve as 3 cenas nele representadas; em seguida dispõe as 9 cenas que correspondem a esse cartão e pede à criança que seleccione 3 para continuar a história e que as coloque em sequência. Repete então a descrição das 3 cenas do cartão-estímulo e dá a vez à criança para que ela narre a continuação da história que organizou. No final de cada história, coloca a cena 10 e descreve o conteúdo nela representado. Há um apelo à participação do psicólogo, sendo utilizada a primeira pessoa do plural (Fagulha, 1997/2002, 2004). No final, é dada a possibilidade à criança de falar sobre a Prova, dar um nome ao personagem, escolher a história que gostou mais e menos, bem como inventar uma nova história para a personagem (Fagulha, 1992, 1994, 1996, 1997/2002, 1999, 2004; Fagulha e Duarte Silva, 1996).

Pode assim dizer-se que a Prova envolve dois processos: um referente à escolha das três cenas para continuar a história; e um segundo em que a criança verbaliza a história que construiu (Fagulha, 1992, 1994, 1996, 1997/2002, 1999, 2004; Fagulha e Duarte Silva, 1996), podendo esta cingir-se, ou não, às cenas escolhidas. Estas duas vias proporcionam informação riquíssima, permitindo uma caracterização mais alargada e completa do indivíduo que respondeu à Prova. Na investigação sobre a Prova (como adiante descreveremos), alguns estudos restringem a análise às cenas escolhidas e sequências organizadas, como é o caso do presente trabalho. O tipo de cenas que a criança escolhe, e a posição em que as coloca na sequência de três, permite descrever a

forma como elaborou as emoções que lhe foram despertadas nas várias situações apresentadas (Fagulha, 1996).

Desta forma, a Prova “Era uma vez...” é vista como tendo um duplo propósito: avaliação psicológica; e um objectivo terapêutico, a ter sempre presente em qualquer situação de avaliação (Fagulha, 2004).

1.2. Estudos com a Prova “Era uma vez...”

Vários estudos têm sido realizados em Portugal, tendo por base a Prova “Era uma vez...” que vêm demonstrar a pertinência da Prova, no contexto clínico e de investigação com crianças.

Fagulha (1994) realizou um estudo no qual colocou a tónica na categoria de cena escolhida/posição na sequência, permitindo uma observação quanto às cenas mais e menos escolhidas, por crianças com problemas emocionais. O estudo era constituído por três grupos: um de 21 crianças agressivas; um outro constituído por 21 crianças ansiosas e por fim, um de 21 crianças isoladas. Os resultados destes três grupos foram comparados entre si, e com os resultados obtidos por 81 crianças sem problemas emocionais, que constituíam o grupo controlo (Fagulha, 1994). Encontraram-se diferenças entre as crianças dos vários grupos de problemas emocionais relativamente às “cenas escolhidas” e à “posição na sequência” e entre aquelas e as crianças do grupo controlo, o que permitiu diferenciar, as respostas dadas pelos três grupos (agressivas, ansiosas e isoladas) bem como em relação ao próprio grupo controlo (Fagulha, 1994).

Num estudo longitudinal, ao longo de três anos, num grupo de 40 crianças com dificuldade de aprendizagem e num grupo de 41 crianças sem dificuldades de aprendizagem, estudaram-se as respostas ao Cartão VII da Prova “Era uma vez...”. Fagulha e Duarte Silva (1996) encontraram diferenças quanto às “cenas escolhidas” pelos dois grupos de crianças bem como, quanto à “posição na Sequência de Cenas”. Por exemplo, no grupo de crianças com dificuldades de aprendizagem, havia um uso menor de cenas de Fantasia na primeira posição, em contraponto com as crianças sem dificuldades de aprendizagem em que havia um uso mais variado de soluções num relativo equilíbrio (Fagulha & Duarte Silva, 1996).

Castilho e Poppe (2001) realizaram um estudo constituído por 60 crianças utentes da Casa da Praia, com uma média de idades de 8 anos, com diferentes situações familiares. O estudo centrou-se na análise das respostas destas crianças ao cartão BRIGA DOS PAIS (VI). Comparando o padrão de respostas da amostra com o padrão de respostas da amostra de aferição da Prova, verificou-se que, ao contrário da amostra de aferição onde o fenómeno desencadeia aflição, na amostra da Casa da Praia, há uma tendência muito maior para o uso da fantasia na 1ª posição (Castilho e Poppe, 2001).

Gonçalves (1997), num estudo comparativo entre o teste de Szondi e a Prova “Era uma vez...”, verificou convergências entre os resultados que eram obtidos pelas crianças no teste de Szondi e as cenas escolhidas na Prova “Era uma vez...”. A situação, num determinado cartão de “Era uma vez...” tende a evocar um vector de Szondi específico (Gonçalves, 1997). Este estudo demonstra a complementaridade entre as duas provas, lançando pistas para o eventual uso conjunto no contexto clínico infantil.

O estudo de Fagulha (1999), acerca do caso do João, uma criança portadora de HIV, demonstra a utilidade da Prova em contexto clínico.

Cada vez mais têm sido desenvolvidas novas linhas de investigação e estudos com a Prova “Era uma vez...”. Pires (2001) realizou um estudo em que operacionaliza quatro tipos de estratégias usadas pelas crianças para elaboração da ansiedade, nas respostas Sequência de Cenas da Prova “Era uma vez...”. Chegou assim a quatro estratégias distintas: Negação - não há reconhecimento do afecto perturbador, sendo usada uma estratégia de fuga face à situação dolorosa; Impossibilidade - a elaboração da ansiedade falha na possibilidade de conduzir a uma resolução adaptativa; Estratégia Adaptativa Operacional (EAO) - há um reconhecimento da ansiedade e uma tentativa de resolução da situação ansiogénica usando estratégias de resolução adaptativa; Estratégia com Equilíbrio Emocional (EEE) - há reconhecimento da ansiedade e uma elaboração da mesma, sendo uma estratégia adaptativa. Estas duas últimas estratégias, reflectem recursos pessoais, da criança, para lidar com a situação ansiogénica (Pires, 2001). Segundo a autora, o uso de estratégias adaptativas aumenta com a idade, e pelo contrário, a frequência do uso de estratégias de Negação e Impossibilidade diminui com a idade (Pires, 2001). Já Cramer (1987, 2009) se havia debruçado, especificamente sobre o mecanismo de defesa da Negação e da forma como o seu uso é mais evidente em crianças mais novas, decrescendo à medida que a idade avança. O uso da Negação

no início da adolescência, poderia relacionar-se com problemas de externalização (Cramer, 2009).

As quatro Estratégias de Elaboração da Ansiedade foram comparadas em dois grupos de crianças de igual faixa etária (entre os 6 e os 10 anos). Um grupo constituído por crianças sem problemas identificados (n=100) e outro grupo constituído por 30 crianças com problemas psicológicos identificados. Postulou-se que as crianças que eram vítimas de violência física ou psicológica tenderiam a usar, em maior número, estratégias de Negação e Impossibilidade quando comparadas com o grupo de crianças sem problemas psicológicos, bem como, usariam menos estratégias adaptativas quando comparadas com o grupo de crianças sem problemas psicológicos (Pires, 2001). Os resultados obtidos foram no sentido do que se havia inicialmente previsto.

Fagulha e Pires (1997) investigaram acerca da manifestação dos mecanismos de defesa, Clivagem e Negação no sistema de codificação das respostas à Prova “Era uma vez...”. Este estudo demonstrou as potencialidades do sistema de codificação das respostas na identificação dos mecanismos de defesa, bem como a sua potencialidade como instrumento de diagnóstico (Fagulha e Pires, 1997).

Estrada (2008) realizou um estudo com 40 crianças entre os 5 e 6 anos. A ideia subjacente era o estudo da fantasia presente nas respostas à Prova “Era uma vez...”. O primeiro objectivo consistia numa tentativa de identificar formas distintas de fantasia, sendo que a autora considera que algumas cenas consideradas de Muita aflição devem ser consideradas cenas de Fantasia (Estrada, 2008)². O estudo baseou-se na análise não só da Sequência de Cenas, como da própria história verbalizada pela criança. A dimensão da fantasia presente nas histórias verbalizadas no Cartão Fim (retrato do menino/a) foi também tomada em linha de conta para a análise. Este estudo permitiu um entendimento mais alargado sobre a utilização da fantasia em crianças em idade pré-escolar (Estrada, 2008), bem como contribui para novos desenvolvimentos, investigações e estudos acerca do modo de interpretação da Prova “Era uma vez...”.

² De facto, na categorização das cenas, a designação de Fantasia abrange unicamente as fantasias “boas” (viáveis, ou mágicas, estas últimas muito presentes na mente das crianças e no imaginário dos contos infantis). Quanto à categoria Aflição, engloba sempre cenas em que o sentimento ansioso é intenso, verificando-se principalmente na sub-categoria “Muita Aflição” a presença de cenas que representam fantasias de carácter persecutório.

Os estudos apresentados são alguns exemplos de como a Prova “Era uma vez...” pode ser utilizada, e a sua importância enquanto técnica projectiva para crianças, não apenas numa forma ideográfica, mas, também, numa vertente nomotética, permitindo aceder à personalidade de crianças com diferentes características.

I.3 A Prova vista no quadro geral da actividade lúdica infantil

“As crianças saudáveis sabem o que é brincar. Brincam e sempre brincaram.” (Fagulha, 1985, p.6). A actividade de “brincar” é primordial durante o período da infância, “o miúdo brinca vivendo” (Onofre, 1997, p.84). É uma actividade primitiva do bebé. No início, apresenta-se com uma actividade de intercâmbio a dois, geralmente criança - mãe, um primeiro jogo “agora-eu-agora-tu” (Leal, 1975/1985, p.62) em que um dos elementos da díade incita o contacto e obtém, da parte do outro, uma resposta, gerando-se uma troca prazerosa entre os dois.

Winnicott (1971) fala da primeira possessão “não-eu” (Winnicott, 1971, p.13) da criança. Um objecto, que apresenta características especiais, sendo tipicamente macio, que acompanha a criança a maioria do tempo e constitui uma defesa contra a ansiedade, designado de “Objecto Transicional” (Winnicott, 1971, p.17).

Freud (1920/2009), embora nunca tendo trabalhado directamente com crianças, é o primeiro autor psicodinâmico a dar valor simbólico à actividade de brincar. Relata um caso de observação informal do seu neto enquanto este brincava com um carrinho de linhas atirando-o para cima do berço e puxando-o novamente, fazendo com que este objecto aparecesse e desaparecesse, demonstrando grande interesse e satisfação com isso. Freud hipotetizou que esta brincadeira representava uma passagem de um comportamento passivo da criança face à saída da mãe, para um comportamento activo na brincadeira, como forma de minimizar e controlar a situação. Esta observação serviu também para demonstrar a importância do brincar como actividade que permite elaborar experiências menos prazerosas na criança. Esta dimensão de actividade, está presente na Prova “Era uma vez...”, (na escolha, na verbalização), colocando a criança numa posição mais activa.

A inclusão do brincar como técnica de análise de crianças deve-se a Melanie Klein (1932/1997, 1969). A sua técnica baseava-se no uso de brinquedos simples,

pequenos e não-mecânicos, pois possibilitavam à criança maior facilidade de expressão dos seus conteúdos emocionais.

Dentro da teoria psicodinâmica, o brincar pode ser visto como a principal forma de linguagem e comunicação da criança em psicoterapia (Klein, 1932/1997, 1969; Winnicott, 1971; Segal, 1991; Gardner, 1993), uma “linguagem silenciosa” (Beier e Young, 1998, p.164) . Winnicott (1971), Lebovici e Soulé (1970/1980) e Lebovici e Diatkine (1985) consideram que a terapia com crianças implica uma relação entre o terapeuta e a criança, que seja sentida por esta como segura e de confiança, bem como um brincar conjunto, em que o terapeuta participe, se solicitado, nas brincadeiras encenadas pela criança sem contudo interferir nelas, evitando alterar o seu curso. A criança deve ser deixada brincar livremente (Klein, 1932/1997, 1969; Fonagy e Target, 1996a, 1996b; Lebovici e Soulé, 1970/1980; Lebovici e Diatkine, 1985). A Prova “Era uma vez...” apela igualmente para esta relação psicólogo-criança, para um nós, um fazer em conjunto permitindo criar assim um maior envolvimento da criança no processo avaliativo.

No brincar, a criança expressa as suas fantasias, desejos, medos, ansiedades, pensamentos, impulsos, bem como episódios do dia-a-dia, de forma livre e em associação livre (Freud, 1920/2009; Klein, 1932/1997, 1969; Winnicott, 1971; Wallon, 1980; Segal, 1964/1975, 1991, 1994). O brincar é, então, o meio preferencial para aceder à mente da criança, permitindo o acesso a processos e conteúdos que de outro modo não seriam conhecidos (Klein, 1932/1997; Fonagy e Target, 1996a, 1996b).

Em *Creative Writers and Daydreaming*, Freud (1908/1978) apresenta o brincar como o oposto do real. No brincar, a criança cria ou rearranja o mundo de maneira diferente e criativa usando a fantasia. Contudo, ela percebe o brincar como distinto do real (Freud, 1908/1978). Foca-se a distinção entre mundo interno e mundo externo e como o brincar se posiciona face a esta separação. Caper (1996) afirma que o brincar permite contacto com o mundo externo, possibilitando uma relação, de carácter lúdico, entre realidade interna a realidade externa.

Winnicott (1971) afirma que o brincar se encontra, “entre o subjectivo e o que é objectivamente percebido” (Winnicott, 1971, p.15), numa área que designou de Área Transicional.

O brincar é uma importante fonte de aprendizagem para a criança, brincar fazendo (Winnicott, 1971; Salgueiro 1995, 1996), as actividades que se lhe irão apresentar mais tarde (Wallon, 1980), nomeadamente as aprendizagens escolares.

O ouvir e contar histórias são actividades presentes na vida da grande maioria das crianças e que não deixam também se ser uma forma de brincar. Bettelheim (1975/1984), fala da importância da história ser estimuladora da imaginação da criança, esclarecedora das suas emoções, estar sintonizada com os seus problemas, oferecendo uma solução. Nesta definição encontram-se pontos em comum com os propósitos da Prova “Era uma vez...”.

I.4 Técnicas projectivas na clínica infantil

As técnicas projectivas podem ser consideradas um dos métodos de investigação psicológica mais antigos. A sua história advém da necessidade de um uso de métodos indirectos como forma de permitir compreender, a organização interna de cada indivíduo, tentando aceder e avaliar a sua personalidade (Rabin, 1996). Possibilitariam obter do indivíduo “aquilo que ele não pode ou não vai dizer” (Frank, 1965, p.14). As técnicas projectivas foram conhecendo, ao longo do tempo, cada vez maior desenvolvimento (Rabin, 1981), destaque e creditação dentro da comunidade científica o que contribuiu para o seu apogeu, não apenas como instrumentos de avaliação mas igualmente como um importante modo de comunicação interpessoal, fundamentalmente em contexto clínico (Jones, 2001), com diferentes propósitos e objectivos. Hoje em dia, assiste-se a uma maior contestação e crítica face ao valor das Técnicas projectivas, havendo um decréscimo do seu uso.

As técnicas projectivas na clínica infantil são um meio privilegiado de acesso ao funcionamento interno da criança, funcionando como uma espécie de janela para o seu mundo representacional (Woolgar, 1999).

Com o tempo, foram surgindo cada vez mais provas em que eram usadas imagens com o objectivo de servirem de estímulo para, posteriormente, a criança contar uma história acerca dela (Rabin, 1996) sendo as mais conhecidas o *Thematic Apperception Test* (TAT) (Murray, 1943/1981) e o *Children Apperception Test* (CAT) (Bellak, 1954/1971). Um outro tipo de técnicas, algo similar a esta, são as técnicas de

completamento de histórias. Este método foi mais recentemente inserido dentro da temática das técnicas projectivas. São geralmente constituídas por um estímulo verbal representativo do início de uma história que vai ser apresentado à criança, sendo-lhe, posteriormente pedido, que completa essa história (Rabin e Zlotogorski, 1981).

Embora a Prova “Era uma vez...” seja de completamento de histórias, a imagem, tem também um papel fundamental, servindo de base, para o continuar da narrativa, por parte da criança.

I. 5 A Imagem e a Narrativa enquanto espaço transicional

I.5.1 No contexto escolar

A imagem e a narrativa têm sido usadas, com crianças, em vários contextos e com vários propósitos, nomeadamente em contexto escolar, onde se avaliam as histórias produzidas por crianças em diferentes condições (com suporte de um desenho, através de cartões com imagens, ou sem suporte físico) e se comparam os esquemas narrativos das crianças nas diferentes condições (Spinillo e Pinto, 1994). A coesão e coerência linguística das crianças são também avaliadas em estudos em que se pede a crianças que contem uma história a partir de sequências de imagens familiares (Shapiro e Hudson, 1991). Num outro estudo onde se tenta perceber os efeitos da idade e da escolaridade na capacidade de recordar e produzir uma história (Varnhagen, Morrison e Everall, 1994) um dos procedimentos utilizados é o completamento de algumas histórias. Nestes estudos, podemos ver algumas semelhanças com a estrutura da Prova “Era uma vez...”, nomeadamente quanto ao tipo de procedimento usado. Embora os objectivos sejam claramente diferentes, bem como as condições de aplicação e a própria estruturação das provas, o uso de histórias bem como o seu completamento, parecem ser pontos de convergência entre estes estudos e a Prova, demonstrando o alcance e importância da narrativa e do completamento no trabalho com crianças em diversas áreas.

O uso das narrativas na comparação de diferentes tipos de populações deve ser igualmente referido, nomeadamente o uso de histórias na avaliação das capacidades narrativas de crianças com e sem dificuldades de aprendizagem (Ripich e Griffith, 1988).

Num estudo de Levine, Burgess e Laney (2008) era usada a imagem em vídeo

como forma de eliciar emoções nas crianças (alegria, tristeza e raiva) com o objectivo de, posteriormente, analisar o efeito destas emoções na sugestibilidade da criança. Neste estudo, tal como na Prova “Era uma vez...” parece haver um uso da imagem em prol das emoções e da expressão das emoções na criança, embora mais uma vez se frise, que os objectivos são substancialmente diferentes bem como a própria metodologia e consistência das situações.

Contar uma história tendo por base um suporte de imagem, parece ser um meio de excelência para eliciar linguagem informal mas, de certa forma controlada na criança, sendo também um meio óptimo de estimulação da sua imaginação (Nwokah, 1982).

I.5.2 Ao nível social e cultural

O uso das histórias desempenha igualmente um papel fundamental a nível social e cultural, fundamentalmente como meio para transmitir valores, bem como a história cultural, de geração em geração (Gazella, Stockman, 2003).

I.5.3 Num contexto psicológico

Vários têm sido os instrumentos desenvolvidos nesta base, assemelhando-se muitos deles, em alguns pontos, à Prova “Era uma vez...”. No que se refere às provas projectivas ditas temáticas, parece pertinente uma visão sobre algumas delas, nomeadamente o CAT (Bellak, 1954/1971), o Pata Negra (PN) (Corman, 1961/1981) bem como o *Blacky Test* (Blum, 1950).

De uma forma resumida o CAT (Bellak, 1954/1971) destina-se a crianças dos 3-10 anos e é constituído por dez lâminas com imagens de animais (Bellak e Adelman, 1996; Boekhold, 1993/2000). As cenas representadas em cada uma das lâminas foram escolhidas de acordo com problemas, situações e desenvolvimentos de grande importância quando se fala de crianças (Bellak e Adelman, 1996). Esta ideia é igualmente subjacente à Prova “Era uma vez...” onde os cartões apresentados remetem para situações típicas do dia-a-dia e vivências das crianças. É pedido à criança que conte uma história da imagens desse cartão, ao contrário do “Era uma vez...”, onde é pedido um completamento de uma história. Procedimento semelhante acontece no PN (Corman, 1961/1981). A personagem é um porco, em várias actividades com outros

animais. Embora a prova implique igualmente um procedimento narrativo, não há uma ordem de aplicação de imagens, ao contrário do que acontece na “Era uma vez...”. Embora de modo diferente, esta prova tem em comum com a Prova “Era uma vez...” o facto de implicar uma escolha, permitindo à criança um papel mais activo durante a sua aplicação. O questionamento final pode, de alguma forma, assemelhar-se ao questionamento que é feito no Cartão Fim, da Prova “Era uma vez...”, permitindo adquirir informação complementar. O teste PN advém do teste de *Blacky* (Blum, 1950; 1996). O animal usado é um cão.

Olhando de uma forma geral para estas três provas, verifica-se que em todas elas os estímulos apresentados são animais. No caso do “Era uma vez...” há um uso de desenhos de figura humanas, em situações similares à maioria das crianças, permitindo uma identificação da criança com estas vivências, tomando-as como comuns.

No *Make a Picture Story Method* (MAPS) desenvolvido por Shneidman (1996) são apresentados à criança cenários, onde esta coloca figuras tal como poderiam estar na vida real, e se lhe solicita que relate a situação que criou (Shneidman, 1996). Tal como na Prova “Era uma vez...” o MAPS remete-nos para uma situação de escolha, que vai possibilitar a criação da história. A análise não se prende apenas com o conteúdo da história em si, mas também com as figuras que a criança escolheu bem como a posição em que as colocou no cenário. Procedimento similar ao de “Era uma vez...” em que se analisam as cenas escolhidas bem como a sequência criada.

Os contos de *Madeleine Thomas* surgem como um método clínico de exploração do mundo interno da criança, e suas possíveis áreas de conflito (Wursten, 1996). O psicólogo conta à criança inícios de histórias, sugerindo, depois, que inventem relatos como forma a continuá-la. As histórias relacionam-se com actividades e problemas quotidianos da criança, escola, o mundo da fantasia e dos sonhos. Tal como na Prova “Era uma vez...” também aqui se verifica um completamento de história como procedimento utilizado, embora sem recurso a imagem ou a escolha, bem como um apelo para a participação do psicólogo, o “nós”, na história criada pela criança.

O *Manchester Child Attachment Story Task* (MCAST) (Green, Stanley, Smith e Goldwin, 2000) tem como objectivo identificar as representações das relações de vinculação nas crianças, em idade escolar. O procedimento, consiste na apresentação de seis vinhetas à criança: cinco representam situações ansiogénicas ou stressantes (por

exemplo, um pesadelo, uma queda com ferimento, a rejeição dos pares, perder-se da mãe) ; uma remete para uma situação prazerosa (uma situação de elogio), pedindo-se depois à criança que termine a história (Green, Stanley, Smith e Goldwin, 2000). Antes da prova, há a apresentação de uma vinheta introdutória do procedimento. Até aqui, já se verificam semelhanças com a Prova “Era uma vez...”, embora o objectivo seja diferente, o procedimento, material, e as temáticas subjacentes (situações do quotidiano) são similares, havendo situações ansiogénicas e prazerosas. A presença de uma vinheta introdutória, tal como o cartão treino é também um ponto comum. Após a história contada, pela criança, o psicólogo coloca algumas questões: relacionadas com a boneca que representava a criança nas vinhetas; relativas aos pais dessa boneca, seguindo-se um período de brincar livre (Green, Stanley, Smith e Goldwin, 2000).

O uso de completamento de histórias tem sido também usado na investigação das percepções da criança acerca das relações familiares, tentando estabelecer ligação entre a parentalidade, competência social e o comportamento de externalização (Laibe, Carlo, Torquati e Ontai, 2004).

O *School Apperception Story Procedure* (SASP), (Jones, 2001) tem como objectivo aceder à percepção das crianças acerca da escola. O teste consiste em quinze imagens, que representam uma escola triste, uma má escola, uma escola que realmente gostava e uma escola onde não gostaria de ir. A criança deve então escolher três delas para cada situação que o experimentador lhe coloca. Após a escolha, a criança conta uma história acerca da sua escolha (Jones, 2001). As várias imagens estão codificadas em quatro categorias: qualidade de relação com os pares; qualidade de relação professor-aluno; normas escolares/sociais; e centração no indivíduo. Tal como a Prova “Era uma vez...” também aqui há um remeter para uma situação de escolha das cenas, possibilitando um maior envolvimento do indivíduo sendo a história contada bem como a análise da mesma dependente das cenas que a criança escolheu.

O *Fairy Tales Test*, (FTT) (Coulacoglou, 2002), é uma prova projectiva de personalidade para crianças entre os 7 e os 12 anos, que tem por base as narrativas infantis. O objectivo prende-se com a avaliação dinâmica da personalidade, usando para isso, os contos de fadas. O teste é constituído por vinte e um cartões, divididos em sete *sets* de cartões com três imagens (que diferem apenas nas expressões, roupa e idade). Estes sete *sets* de cartões baseiam-se em imagens estruturadas que fazem lembrar os

contos e personagens das animações da Disney (Coulacoglou, 2002). O *background* fornecido à criança é vago ou inexistente pois, segundo a autora facilita a projecção. Após a apresentação de cada *set*, a criança é convidada a responder a um conjunto de questões acerca das imagens que observou. Há semelhanças relativamente à Prova “Era uma vez...”, quanto: à estrutura e *setting*; ao propósito a que se destina, embora, o “Era uma vez...” seja um pouco mais restrito e específico quanto às variáveis de personalidade que permite aceder e avaliar. Contudo há também diferenças, sendo a fundamental, o questionamento (em vez de narrativa).

Verificam-se vantagens no uso da Prova “Era uma vez...”, quando comparada com outras provas do género. Uma vez que abarca várias situações do quotidiano da criança, permite, ter acesso às representações das crianças em várias áreas. Numa única prova, o psicólogo obtém informação acerca das relações com pares, relações da criança com a mãe, escola, entre outras. A criança escolhe três cenas que servem de base à sua narrativa. No limite, pode apenas escolher as imagens e não contar uma história, o que dá também informação útil, embora menos rica, permitindo o uso da prova com crianças que, por diversos motivos (e.g., dificuldades de linguagem verbal, inibição e timidez), têm dificuldade na verbalização. A sua fácil aceitação, faz com que seja uma Prova largamente utilizada, servindo muitas vezes de motivação para outras provas subsequentes, numa avaliação psicológica.

I.6 Problemas emocionais e dificuldades de aprendizagem

A criança poderá ser pensada como inserida num esquema triangular onde num dos vértices estaria a criança, orgânica e psicológica, num outro a família e a comunidade em que a criança se insere e por fim, no último vértice, a escola (Salgueiro, 1981). Berge e Santos (1976) afirmam que é um erro atribuir à escola um papel puramente intelectual, ao contrário, deve ser encarada como um novo meio de vida. A entrada para a escola representa o início da vida extra-familiar (Ferreira, 2000). Quando a criança ingressa no primeiro ano de escolaridade, o aprender vai ocupar a maioria do seu tempo “mas felizmente que a vida é muito mais” (Strecht, 1998, p.47).

Salgueiro (1995, 1996) fala da existência de aprenderes fundadores, anteriores à entrada para a escola que se processam na relação mãe-criança. Há uma continuidade

entre o que se aprende e adquire antes e depois do ingresso na escola (Salgueiro, 1995, 1996; Santos, 1988/2007). Numa criança com um desenvolvimento saudável, esta continuidade processa-se de forma natural, sem desvios. Contudo, pode haver casos em que há uma descontinuidade entre os dois tipos de aprenderes. A entrada na escola pode não ter sido tão natural como suposto. A bagagem de aprenderes anteriores a esta entrada pode não vir assim tão preenchida. Muitas destas situações resultam então em dificuldades escolares na criança.

Quando se fala em dificuldades de aprendizagem há que ter presente dois movimentos fundamentais e inter-relacionáveis: a dificuldade da criança face à escola e dificuldade da escola face à criança (Marcelli, 1982/2005). Este segundo movimento é particularmente evidente em casos em que a criança apresente, por exemplo, problemas emocionais ou de comportamento. Os problemas emocionais e as dificuldades de aprendizagem são hoje de extrema importância quando se fala de clínica e intervenção com crianças. Evidentemente, que nem todas as dificuldades escolares derivam de problemas emocionais (Berge e Santos, 1976), embora sejam problemáticas que surgem, muitas vezes, relacionadas. Gobbo e Shmulsky (2007) afirmam que, de todas as dificuldades que os estudantes possam apresentar, as dificuldades de aprendizagem e os problemas emocionais são as menos visíveis. Strecht (1998), Strecht e colaboradores (1995) e Santos (1990) afirmam que as estruturas de funcionamento depressivo parecem ser aquelas que mais condicionam o processo de aprendizagem nas crianças.

Muitas vezes, as falhas no funcionamento da criança relacionam-se com dificuldades no seu meio familiar e social, que se podem prender, segundo Strecht (1998), com perturbações da vinculação pais-criança (abusos, negligência, abandono) nos primeiros tempos de vida; perturbações psicológicas na matriz parental, bem como uma desagregação intensa sócio-familiar o que, conseqüentemente, dificulta a criação de um meio facilitador para a criança. “A segurança traz conhecimentos, os conhecimentos aumentam a segurança” (Santos, 1988/2007, p.27) e o que parece acontecer nas crianças com este tipo de problemas é uma falta de segurança primária que impossibilita o desligamento saudável e o continuar da sua caminhada de desenvolvimento. O mal-estar psíquico está muitas vezes associado a situações graves de dificuldades escolares, o que faz com que haja uma necessidade de atenção aos sinais que a criança expressa (Strecht, 1998).

Uma criança com dificuldades de aprendizagem experienciá, necessariamente problemas emocionais (Handwerk e Marshall, 1998; Taggart, Cousins e Milner 2007), pois a vivência da dificuldade de aprender também é fonte de perturbação.

A criança com problemas emocionais e dificuldades de aprendizagem requer uma atenção especial havendo a necessidade de, muitas vezes, desenvolver um plano interdisciplinar especial (Rock, Fessler e Church, 1997) ou estratégias escolares mais apropriadas, proporcionando um ambiente pedagógico que lhe permita investir no processo de aprendizagem e experimentar-se como alguém com capacidades e sucesso.

I.7 A Casa da Praia

“ A Casa da Praia: é uma casa em Festa que se situa na Travessa da Praia, ali à Junqueira” (Santos, 1988/2007). Dos seus objectivos fazem parte o estudo, diagnóstico e tratamento de crianças com dificuldades na iniciação à aprendizagem escolar (Strecht e Cols, 1995; Santos, 1990).

O perfil da criança utente da Casa da Praia caracteriza-se por uma capacidade intelectual na média ou acima dela e curiosidade, embora possam não ser expressas directamente. Existe uma recusa da criança em pensar ou aprender: “olhando-as, nota-se-lhes no olhar, que também procura em nós avidamente, uma solução para um espaço vazio no seu interior” (Ferreira, 2000, p.193). São crianças com um problema emocional de base que se traduz num bloqueio da sua capacidade de imaginar, comunicar, agir. Estas crianças são, geralmente, oriundas de famílias com problemas de inserção ou marginalizadas cultural e/ou socialmente (Ramos e Silvério, 1999). Da Casa da Praia faz parte uma equipa multidisciplinar constituída por professores, educadores, assistente social, psicólogos e pedopsiquiatra, que se reúne regularmente com vista a analisar cada caso, permitindo um diagnóstico médico bem como uma adequada orientação terapêutica ou escolar (Ferreira, 2000; Santos, 1988/2007).

Os educadores e professores tentam criar um ambiente contentor, acolhedor, de modo que a criança bloqueada, marginalizada ou desinvestida sinta que há um interesse real por si enquanto pessoa (Salgueiro, 1996). As actividades que a criança realiza são diversificadas. Pintura, desenho, barro, teatros, actividades de psicomotricidade, entre outras. O professor ou educador dá atenção à criança enquanto esta realiza as

actividades valorizando as suas produções, usando-se, assim uma Pedagogia Terapêutica (Santos, 1988/2007). É dada uma grande importância ao aprender fazendo (Salgueiro, 1996). O trabalho com a criança pode ser feito: no grupo, em que a criança está inserida, que se tenta que seja homogêneo em termos de capacidades, e/ou em sessões individuais, bem como através de intervenção junto da família e escola (Ramos e Silvério, 1999).

Strecht e colaboradores (1995) realizaram um estudo com crianças, referidas pela escola primária como tendo dificuldades de aprendizagem no seu primeiro ano escolar. Estas crianças foram avaliadas, entre outros procedimentos, recorrendo a testes de nível intelectual, grafo-perceptivos e projectivos, sendo depois divididas em dois grupos: um grupo de 13 crianças que continuaram a frequentar a escola; e um outro grupo de 6 crianças que tiveram intervenção na Casa da Praia. Ao fim de um ano, os dois grupos foram comparados, tendo por base os mesmos critérios. Comparando os resultados, nos dois grupos, verificou-se, que nas crianças que frequentaram a Casa da Praia houve uma diminuição das queixas escolares, nomeadamente quanto ao comportamento, sendo também visíveis melhorias ao nível das dificuldades de escrita e de cálculo. Este estudo demonstrou a importância das experiências emocionais que a Casa da Praia proporciona para um saudável progresso escolar.

A faceta mais maternalizante (Santos, 1988/2007) que a Casa da Praia oferece pode ajudar a desbloquear núcleos precoces que se encontram bloqueados, funcionando como um tutor de resiliência (Cyrulnik, 2004) permitindo que a criança continue a avançar e a desenvolver-se fazendo a sua Festa.

Capítulo II: Objectivos e Hipóteses

II.1 Objectivos

Objectivo Geral 1: Caracterização das respostas à Prova “Era uma vez...” de uma amostra de crianças que frequentavam a Casa da Praia por dificuldades na aprendizagem que têm por base problemas emocionais.

Objectivos Específicos:

- a) Verificar se há diferenças quanto à Sequência de Cenas construída e Categoria de cenas mais escolhidas pelas crianças da Casa da Praia e a amostra de aferição da Prova “Era uma vez...” (Fagulha, 1992; 1997/2002), em função da idade e do cartão.

Objectivo Geral 2: Analisar as Estratégias de Elaboração da Ansiedade usadas pelas crianças da Casa da Praia na Prova “Era uma vez...”.

Objectivos Específicos:

- a) Verificar se há diferenças entre as Estratégias de Elaboração da Ansiedade usadas pelas crianças da Casa da Praia e um grupo de comparação - amostra de crianças sem problemas psicológicos identificados (Pires, 2001).

II.2. Hipóteses

Tendo por base a revisão de literatura realizada, as hipóteses que se colocam são as seguintes:

Hipótese 1a: A Sequência de Cenas organizada difere entre as crianças da Casa da Praia e as crianças da amostra de aferição nomeadamente por uma menor escolha de cenas de Realidade na terceira posição.

Hipótese 2a: As crianças da Casa da Praia utilizam em maior número Estratégias desadaptativas (Negação e Impossibilidade), e em menor número Estratégias Adaptativas (EEE e EAO) quando comparadas com as crianças sem problemas psicológicos identificados.

Capítulo III: MÉTODO

III.1 Instrumento

Para efeito do presente trabalho, o instrumento utilizado foi, exclusivamente, a Prova Projectiva “Era uma vez...” na sua versão de 1992, constituída por sete cartões-estímulo (Fagulha, 1997/2002).

III.2 Procedimento

A aplicação de grande parte das provas que constituem a amostra, foi realizada pela equipa de psicólogos da Casa da Praia, durante os anos de 1998 a 2006, numa média de 13 protocolos por ano, obtidos no contexto da avaliação psicológica, realizada a todas as crianças aquando do seu ingresso na instituição. Consta, ainda, uma aplicação realizada em Fevereiro de 2011 pela autora do presente trabalho, obtida igualmente, no contexto de avaliação psicológica realizada à criança, já utente da Casa da Praia. A recolha deste protocolo foi realizada com o consentimento da instituição, bem como do encarregado de educação. Assegurar a colaboração voluntária da criança foi também um factor que foi tomado em conta.

A utilização de todos os protocolos usados no estudo foi autorizada pelo Presidente do Centro Doutor João dos Santos - Casa da Praia.

III.3 Procedimentos Estatísticos

Recorreu-se à estatística descritiva, em particular, ao cálculo de médias, bem como à determinação de frequências e percentagens.

Para a comparação dos dados obtidos com os da amostra de referência, no que se refere às Estratégias de Elaboração da Ansiedade (EEA), recorreu-se ao teste t-Student a

uma amostra. O valor de referência considerado foi a média obtida pela amostra de crianças sem problemas psicológicos identificados, do estudo de Pires (2001). Embora a variável não apresente uma distribuição normal considera-se que a sua dimensão torna possível a aplicação do teste t-Student.

Para estudar a relação linear entre variáveis, recorreu-se ao coeficiente de correlação de Spearman.

Para se comparar as frequências entre amostras, foi usado o teste não paramétrico do Qui-Quadrado.

Dado que, na nossa amostra, a distribuição dos sujeitos por idades era bastante heterogénea, recorreu-se em geral, a uma ponderação dos resultados por idades, quando efectuadas comparações com os resultados das amostras de referência. Com efeito estes resultados estão disponíveis por faixas etárias, englobando vários grupos etários com efectivo idêntico ou muito próximo.

O programa estatístico utilizado foi o PASWStatistics18.0 (PASW, versão 18.0).

III.4 Participantes

Amostra das crianças da Casa da Praia

A amostra deste estudo engloba 126 crianças de ambos os sexos, com idades entre os 6 e os 11 anos, que frequentavam a Casa da Praia. É constituída em maior número por elementos do sexo Masculino (80) que representam 63.5%. O sexo Feminino (46) representa 36.5% da amostra. Relativamente à idade, verifica-se uma média de idade de 8,5 anos. Dos seis grupos etários representados, há uma maior prevalência de crianças com 8 anos (35 sujeitos), que representam 27.8% da amostra, sendo o grupo de crianças de 6 anos o menos representado (8 sujeitos), constituindo apenas 6.3% da amostra total (ver Quadro1).

O único critério de selecção da amostra foi o facto de frequentar a Casa da Praia.

Todas as crianças que constituíram a amostra encontravam-se em apoio pedagógico-terapêutico inseridas em grupo de trabalho na instituição. Foram excluídas crianças que se encontravam institucionalizadas ou ao cuidado de centros de acolhimento.

Quadro1

Caracterização da amostra, em frequências, em função do sexo e da idade

		Idade (em anos)						Total
		6	7	8	9	10	11	
Sexo	Masculino	5	16	21	15	13	10	80
	Feminino	3	9	14	12	5	3	46
Total		8	25	35	27	18	13	126

CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em seguida apresentam-se os resultados obtidos no presente estudo. A apresentação está organizada de acordo com os objectivos definidos.

IV.1 Caracterização das respostas à Prova “Era uma vez...”

Comparam-se os resultados obtidos no presente estudo com os relativos à amostra de aferição da Prova “Era uma vez...” (ver Fagulha, 1997/2002) no que se refere às Sequências de Cenas.

Para tornar possível esta comparação, as crianças dos 6,7 e 8 anos da amostra da Casa da Praia foram recodificadas no mesmo grupo etário, tal como as crianças dos 10-11 anos.

Devido à diferente distribuição de sujeitos, por nível etário, nas duas amostras, foi usada uma média de idade ponderada na amostra da Casa da Praia.

Processa-se, em seguida, à comparação das amostras em função dos cartões e das idades.

VI.1.1 Comparação com a amostra de aferição da Prova “Era uma vez...” em função do Cartão e da Idade

Os Quadros 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 apresentam as percentagens médias da amostra do presente estudo e da amostra de aferição da Prova “Era uma vez...” (Fagulha, 1997/2002), para cada um dos cartões-estímulo que constituem a Prova. Para cada um dos quadros, incluem-se também os resultados ao teste estatístico não-paramétrico do Qui-Quadrado provenientes da comparação das frequências entre as duas amostras.

Quadro 2

Comparação da amostra com a amostra de aferição - Cartão I

Cenas/ Posição	Amostra da Casa da Praia			Amostra de Aferição ¹		
	6-8 anos	9 anos	10-11 anos	6-8 anos	9 anos	10-11 anos
	n=68	n=27	n=31	n= 245	n= 70	n=70
1ª Aflição	48.5	59.3	51.6	47.4	57.2	73.1
1ª Fantasia	17.6	3.7	3.2	21.2	8.6	2.4
1ª Realidade	33.8	37	45.2	31.4	34.2	24.5
2ª Aflição	30.9	40.7	41.9	42.5	44.4	41.5
2ª Fantasia	35.3	22.2	19.4	28.6	12.8	14.6
2ª Realidade	33.8	37	38.7	28.9	42.8	43.9
3ª Aflição	23.5	18.5	22.6	28.9	14.3	12.2
3ª Fantasia	33.8	25.9	35.5	31.1	27.1	12.2
3ª Realidade	42.6	55.6	41.9	40	58.6	75.6
	6-8 anos		9 anos		10-11 anos	
	χ^2	p	χ^2	p	χ^2	p
Cartão I (1ª)	.51	.775	.84	.658	15.56	.000
Cartão I (2ª)	6.16	.046	2.16	.339	.06	.969
Cartão I (3ª)	.30	.860	.39	.822	27.40	.000

¹Amostra de Aferição da Prova “Era uma vez...” (Fagulha, 1997/2002)

Num cartão que remete para a angústia e o medo da perda do objecto materno, verificam-se diferenças significativas, entre as duas amostras, nas faixas etárias do 6-8 anos e na dos 10-11 anos

Relativamente à faixa etária dos 6-8 anos verifica-se uma diferença significativa ao nível das escolhas na segunda posição, que se traduz por uma maior frequência de cenas de Fantasia nas crianças da Casa da Praia comparativamente com a amostra de aferição.

Diferenças significativas são também encontradas na faixa etária dos 10-11 anos, sendo esta faixa a que mais se distingue, por apresentar mais diferenças face à amostra de aferição. No que se refere à primeira posição da Sequência de Cenas, constata-se que, as crianças da Casa da Praia, se diferenciam por fazerem uma menor utilização de cenas de Aflição e uma maior utilização de cenas de Realidade, que depois se acaba por traduzir por uma resolução (3ª escolha) com menor escolha de Realidade e maior de Fantasia e Realidade, face à amostra de aferição. Estas escolhas parecem traduzir a dificuldade em reconhecer a ansiedade no primeiro momento (1ª escolha), conduzindo à impossibilidade de uma solução adaptativa (3ª escolha).

A impossibilidade de reconhecer a emoção ansiosa parece não facilitar a procura de estratégias adequadas para lidar com a situação, o que justifica haver, na 3ª escolha,

maior número, de cenas de Aflição que, ao não surgir em primeiro lugar como seria mais adaptativo, surge agora no finalizar da sequência. O maior número de cenas Fantasia na terceira posição, apontam para um continuar a negar a emoção ansiosa por parte das crianças da Casa da Praia.

Quadro 3

Comparação da amostra com a amostra de aferição – Cartão II

Cenas/ Posição	Amostra da Casa da Praia			Amostra de Aferição ¹		
	6-8 anos	9 anos	10-11 anos	6-8 anos	9 anos	10-11 anos
	n=68	n=27	n=31	n= 245	n= 70	n=70
1ª Aflição	45.6	48.1	38.7	48.2	42.9	36.6
1ª Fantasia	20.6	14.8	19.4	20	14.3	2.4
1ª Realidade	33.8	37	41.9	32.8	42.8	61
2ª Aflição	33.8	48.1	25.8	38.8	54.3	17.1
2ª Fantasia	23.5	18.5	32.3	24.9	10	24.3
2ª Realidade	42.6	33.3	41.9	36.3	35.7	58.6
3ª Aflição	33.8	29.6	32.3	37.9	40	24.4
3ª Fantasia	44.1	55.6	48.4	41.2	45.7	56.1
3ª Realidade	22.1	14.8	19.4	20.9	14.3	19.5
	6-8 anos		9 anos		10-11 anos	
	χ^2	p	χ^2	p	χ^2	p
Cartão I (1ª)	2.38	.304	.39	.824	63.59	.000
Cartão I (2ª)	1.68	.431	2.19	.335	4.41	.110
Cartão I (3ª)	.07	.965	1.31	.521	.21	.902

¹Amostra de Aferição da Prova “Era uma vez...” (Fagulha, 1997/2002)

Na situação de doença, comum à maioria das crianças, para a qual o Cartão II remete, encontram-se diferenças significativas apenas na faixa etária dos 10-11 anos quanto às cenas escolhidas na primeira posição da sequência. Esta diferença traduz-se por uma maior percentagem de cenas de Fantasia e uma, consequente, menor percentagem de cenas de Realidade, comparativamente com a amostra de aferição.

As escolhas de Realidade deste segundo cartão retratam uma situação dolorosa, o estar doente, apresentando sinais (o mal-estar na cara da personagem, por exemplo), não sendo, portanto, uma realidade neutra. A menor escolha de cenas de Realidade e a maior escolha de cenas de Fantasia voltam a apontar, para uma dificuldade de reconhecimento da emoção ansiosa para a qual o cartão remete, tal como já se havia verificado no cartão anterior.

Quadro 4

Comparação da amostra com a amostra de aferição – Cartão III

Cenas/ Posição	Amostra da Casa da Praia			Amostra de Aferição ¹		
	6-8 anos	9 anos	10-11 anos	6-8 anos	9 anos	10-11 anos
	n=68	n=27	n=31	n= 245	n= 70	n=70
1ª Aflição	33.8	14.8	16.1	17.9	21.4	12.1
1ª Fantasia	22.1	22.2	22.6	34.7	18.6	24.5
1ª Realidade	44.1	63	61.3	47.4	60	63.4
2ª Aflição	27.9	18.5	12.9	24.1	21.4	19.4
2ª Fantasia	32.4	48.1	32.3	33.5	35.8	29.3
2ª Realidade	39.7	33.3	54.8	42.4	42.8	51.3
3ª Aflição	26.5	18.5	3.2	29.8	25.7	9.7
3ª Fantasia	32.4	29.6	48.4	40	27.1	29.3
3ª Realidade	41.2	51.9	48.4	30.2	47.2	61
	6-8 anos		9 anos		10-11 anos	
	χ^2	p	χ^2	p	χ^2	p
Cartão I (1ª)	23.90	.000	.78	.678	1.53	.465
Cartão I (2ª)	3.02	.221	1.82	.403	.04	.979
Cartão I (3ª)	1.27	.529	.73	.694	8.47	.014

¹Amostra de Aferição da Prova “Era uma vez...” (Fagulha, 1997/2002)

Num cartão que remete para uma situação mais prazerosa de contacto e convívio com pares, mas também para a eventual ansiedade que este contacto pode provocar, verificam-se diferenças significativas nas faixas etárias dos 6-8 anos e 10-11 anos.

No que se refere à faixa etária dos 6-8 anos esta diferença é ao nível das escolhas da primeira posição e traduz-se por uma maior percentagem de cenas de Aflição e uma menor de cenas de Fantasia nas crianças da Casa da Praia, comparativamente com a amostra de aferição. Estes resultados parecem apontar para uma maior dificuldade das crianças da Casa da Praia, neste nível etário, em contactar com o desconhecido, ou seja, na abordagem inicial a um grupo de pares que não se conhece.

Na faixa etária dos 10-11 anos a diferença ocorre ao nível das escolhas de cenas na terceira posição da sequência e traduz-se por um menor uso de cenas de Realidade e maior uso de cenas de Fantasia nas crianças da Casa da Praia, comparativamente com a amostra de aferição. Continua a verificar-se (tal como no Cartão I), um maior recurso à Fantasia na resolução final.

Qualquer das cenas de Fantasia corresponde a uma modalidade de convívio que implica aspectos mais ligados ao narcisismo, destaque de qualidades exteriores especiais. Este maior uso de Fantasia poderá também apontar para dificuldades a nível narcísico das crianças desta faixa etária da amostra da Casa da Praia.

Quadro 5

Comparação da amostra com a amostra de aferição – Cartão IV

Cenas/ Posição	Amostra da Casa da Praia			Amostra de Aferição ¹		
	6-8 anos	9 anos	10-11 anos	6-8 anos	9 anos	10-11 anos
	n=68	n=27	n=31	n= 245	n= 70	n=70
1ª Aflição	54.4	59.3	61.3	74.7	81.4	78.1
1ª Fantasia	19.1	7.4	16.1	10.2	8.6	12.2
1ª Realidade	26.5	33.3	22.6	15.1	10	9.7
2ª Aflição	38.2	44.4	41.9	42	57.1	36.6
2ª Fantasia	30.9	25.9	41.9	34.7	28.6	34.2
2ª Realidade	30.9	29.6	16.1	23.3	14.3	29.2
3ª Aflição	30.9	29.6	32.3	33.1	15.7	9.7
3ª Fantasia	39.7	48.1	45.2	42.5	50	31.7
3ª Realidade	29.4	22.2	22.6	24.4	34.3	58.6
	6-8 anos		9 anos		10-11 anos	
	χ^2	p	χ^2	p	χ^2	p
Cartão I (1ª)	20.16	.000	16.37	.000	9.77	.008
Cartão I (2ª)	1.21	.547	5.26	.072	4.34	.114
Cartão I (3ª)	5.86	.054	4.50	.105	34.48	.000

¹Amostra de Aferição da Prova “Era uma vez...” (Fagulha, 1997/2002)

Cartão que remete para a vivência de pesadelos e terrores noturnos e para a ansiedade que essa vivência pode provocar nas crianças, verificam-se diferenças significativas para todas as faixas etárias.

No que se refere à faixa etária dos 6-8 anos as diferenças manifestam-se quanto às escolhas para a primeira posição da sequência de cenas, apresentando as crianças da Casa da Praia um menor uso de cenas de Aflição e maior de cenas de Fantasia e Realidade.

Na faixa etária dos 9 anos as diferenças ocorrem também ao nível das escolhas da primeira posição e expressam-se por um menor uso de cenas de Aflição e maior de Cenas de Realidade por parte das crianças da Casa da Praia em comparação com a amostra de aferição.

No que se refere à faixa etária dos 10-11 anos verificam-se não só diferenças ao nível da primeira escolha da sequência, que se traduz por uma menor utilização de cenas de Aflição e maior de cenas de Fantasia e Realidade, mas também ao nível da finalização da sequência, com um predomínio de cenas de Aflição e Fantasia face a cenas de Realidade na amostra da Casa da Praia, comparativamente com a amostra de aferição.

Em ambas as faixas etárias verifica-se um padrão de respostas semelhante, caracterizado por uma impossibilidade de contactar com a ansiedade para a qual o cartão remete, negando-a ou evitando-a através de um maior uso de cenas de Fantasia e/ou Realidade.

Na faixa etária dos 10-11 anos, esta incapacidade inicial vai repercutir-se na forma desadaptativa como a sequência vai terminar. Parece haver um padrão, nesta faixa etária, que a tem caracterizado ao longo dos vários cartões, de uma forma quase contínua e que se traduz, como foi sendo visto, pela incapacidade inicial de fazer face à ansiedade despertada pelo cartão e, consequentemente, pela incapacidade final de aceder a soluções adaptativas.

Quadro 6

Comparação da amostra com a amostra de aferição – Cartão V

Cenas/ Posição	Amostra da Casa da Praia			Amostra de Aferição ¹		
	6-8 anos	9 anos	10-11 anos	6-8 anos	9 anos	10-11 anos
	n=68	n=27	n=31	n= 245	n= 70	n=70
1ª Aflição	14.7	22.2	12.9	18.8	12.9	4.8
1ª Fantasia	35.3	29.6	38.7	29.8	25.7	24.4
1ª Realidade	50	48.1	48.4	51.4	61.4	70.8
2ª Aflição	23.5	7.4	12.9	25.3	14.3	9.8
2ª Fantasia	39.7	55.6	38.7	40.8	37.1	36.5
2ª Realidade	36.8	37	48.4	33.9	48.6	53.7
3ª Aflição	20.6	14.8	9.7	23.3	11.5	12.2
3ª Fantasia	50	37	51.6	40	34.2	36.5
3ª Realidade	29.4	48.1	38.7	36.7	54.3	51.3
	6-8 anos		9 anos	10-11 anos		
	χ^2	P	χ^2	P	χ^2	P
Cartão I (1ª)	4.1	.129	2.75	.252	20.97	.000
Cartão I (2ª)	.1	.952	4.12	.128	1.45	.484
Cartão I (3ª)	2.10	.350	.51	.775	2.47	.291

¹Amostra de Aferição da Prova “Era uma vez...” (Fagulha, 1997/2002)

Cartão que remete para uma situação prazerosa associada ao dia de aniversário podendo remeter para o contentamento das crianças associado ao facto de ser um dia especial. Verificam-se diferenças significativas para a faixa etária dos 10-11 anos no que se refere às escolhas para a primeira posição da Sequência de Cenas, traduzindo-se por um maior uso de Aflição e Fantasia e um menor de Realidade por parte das crianças da Casa da Praia. Constata-se que é um grupo que se apresenta como menos adaptado face à amostra de aferição.

Uma situação que remete para um acontecimento bom, agradável, parece desencadear uma reação mais ansiosa, demonstrando uma atitude negativa face à expectativa de “coisas boas” que poderão surgir.

Quadro 7

Comparação da amostra com a amostra de aferição – Cartão VI

Cenas/ Posição	Amostra da Casa da Praia			Amostra de Aferição ¹		
	6-8 anos	9 anos	10-11 anos	6-8 anos	9 anos	10-11 anos
	n=68	n=27	n=31	n= 245	n= 70	n=70
1ª Aflição	33.8	25.9	19.4	22.8	25.7	26.9
1ª Fantasia	25	25.9	35.5	32.2	8.6	2.4
1ª Realidade	41.2	48.1	45.2	45	65.7	70.7
2ª Aflição	36.8	40.7	32.3	42.2	62.8	68.3
2ª Fantasia	33.8	25.9	29	32	17.2	9.7
2ª Realidade	29.4	33.3	38.7	25.8	20	22
3ª Aflição	32.4	29.6	35.5	29.9	54.3	36.6
3ª Fantasia	51.5	51.9	38.7	48	38.6	56.2
3ª Realidade	16.2	18.5	25.8	22.1	7.1	7.2
	6-8 anos		9 anos	10-11 anos		
	χ^2	P	χ^2	P	χ^2	P
Cartão I (1ª)	7.54	.023	10.69	.005	278.64	.000
Cartão I (2ª)	2.57	.276	5.69	.058	37.40	.000
Cartão I (3ª)	4.21	.122	9.21	.010	27.70	.000

¹Amostra de Aferição da Prova “Era uma vez...” (Fagulha, 1997/2002)

No Cartão VI, o qual remete para uma situação de discussão de casal e para o medo e ansiedade que a separação dos pais pode causar à criança, encontram-se diferenças significativas em todas as faixas etárias.

Na faixa etária dos 6-8 anos as diferenças ocorrem ao nível da primeira posição da sequência traduzindo-se por uma maior utilização de cenas de Aflição por parte das crianças da Casa da Praia face à amostra de aferição, apontando para uma capacidade em lidar com a ansiedade para a qual o cartão remete, não a negando.

Aos 9 anos verificam-se diferenças quanto à primeira e terceira posições da sequência, traduzindo-se, no primeiro caso por um maior uso de cenas de Fantasia pelas crianças da Casa da Praia e no segundo por uma menor percentagem de cenas de Aflição e uma maior de cenas de Fantasia e Realidade.

No que se refere à faixa etária dos 10-11 anos encontram-se diferenças em todas as posições da Sequência de Cenas. Quanto à primeira posição, a diferença traduz-se por uma menor utilização de cenas de Aflição e de Realidade e uma maior percentagem

de cenas de Fantasia nas crianças da Casa da Praia face à amostra de aferição. Mais uma vez se verifica o continuar de um padrão nesta faixa etária, de incapacidade em reconhecer a ansiedade num primeiro momento. Na segunda posição as diferenças manifestam-se por um menor uso de Aflição e maior de Fantasia e Realidade nas crianças da Casa da Praia, o que, mais uma vez vai no sentido do que foi dito anteriormente. No que se refere à terceira posição, verifica-se que as soluções finais, nas crianças da Casa da Praia são mais pelo uso da Fantasia, embora consigam aceder a soluções mais realistas que a amostra de aferição.

Olhando para as diferenças significativas no término das Sequências de Cenas uma hipótese que poderá justificar estes resultados é a exposição das crianças da Casa da Praia a este tipo de situações. A discussão parental, o contacto com a eminência da separação ou separação parental real bem como, eventual violência associada, de uma forma mais real e continuada, faz com que a situação consiga ser elaborada de uma forma mais real, pois é conhecida e pode, eventualmente, fazer parte do quotidiano da criança.

Quadro 8

Comparação da amostra com a amostra de aferição – Cartão VII

Cenas/ Posição	Amostra da Casa da Praia			Amostra de Aferição ¹		
	6-8 anos	9 anos	10-11 anos	6-8 anos	9 anos	10-11 anos
	n=68	n=27	n=31	n= 245	n= 70	n=70
1ª Aflição	29.4	33.3	32.3	35.7	51.4	29.3
1ª Fantasia	20.6	18.5	6.5	20.4	1.4	2.4
1ª Realidade	50	48.1	61.3	43.9	47.2	68.3
2ª Aflição	33.8	29.6	29	39.3	34.3	19.4
2ª Fantasia	30.9	7.4	19.4	27.1	15.7	4.9
2ª Realidade	35.3	63	51.6	33.6	50.0	75.7
3ª Aflição	25	11.1	12.9	35.7	32.8	19.5
3ª Fantasia	33.8	40.7	29	36.5	17.2	12.2
3ª Realidade	41.2	48.1	58.1	27.8	50	68.3
	6-8 anos		9 anos		10-11 anos	
	χ^2	P	χ^2	P	χ^2	P
Cartão I (1ª)	.63	.729	58.24	.000	8.52	.014
Cartão I (2ª)	2.81	.246	2.26	.323	26.32	.000
Cartão I (3ª)	8.89	.012	12.59	.002	19.71	.000

¹Amostra de Aferição da Prova “Era uma vez...” (Fagulha, 1997/2002)

No cartão que remete para a vivência escolar nomeadamente para a situação de não saber neste contexto, existem diferenças significativas em todas as faixas etárias.

No que concerne à faixa etária dos 6-8 anos, as diferenças ocorrem ao nível da terceira posição da Sequência de Cenas e expressam-se por uma maior utilização de cenas de Realidade e uma, consequente, menor utilização de cenas de Aflição nas crianças da amostra da Casa da Praia em comparação com a amostra de aferição.

Aos 9 anos, verificam-se diferenças face à primeira posição da sequência que se traduzem por uma maior utilização de cenas de Fantasia e menor de cenas de Aflição pelas crianças da Casa da Praia, o que se volta a verificar nas escolhas na terceira posição.

Na faixa etária dos 10-11 anos verificam-se diferenças em todas as posições da Sequência de Cenas. Quanto à primeira posição as diferenças manifestam-se por mais cenas de Aflição e de Fantasia e menos de Realidade nas crianças da Casa da Praia. Na segunda posição este padrão repete-se e na terceira posição verifica-se uma maior tendência, por parte das crianças da Casa da Praia para escolher cenas de Fantasia.

Um aspecto a destacar é o facto de, em todas as faixas etárias das crianças da Casa da Praia, a Sequência de Cenas terminar com significativamente menos cenas de Aflição quando em comparação com a amostra de aferição. Para este facto poderá estar a contribuir a ambiente que a Casa da Praia proporciona, menos atemorizante e mais securizante, onde a dificuldade é vivida como menos assustadora. A atitude mais criativa caracteriza o modo da Casa da Praia trabalhar poderá estimular uma maior criação de Fantasia e justificar esta maior utilização nas faixas etárias dos 6 e dos 10-11 anos. Aos 6-8 anos, verifica-se, pelo maior uso de cenas de Realidade na terceira posição, que a situação é vivida de uma forma mais adequada.

De acordo com o que foi apresentado e discutido anteriormente, ressalta o facto do grupo da Casa da Praia dos 10-11 anos ser o que apresenta, mais vezes, um padrão que se caracteriza por uma dificuldade em reconhecer a ansiedade para a qual o cartão remete (menos cenas de Aflição na primeira posição), falhando depois na possibilidade de chegar a uma solução adaptativa (que se caracterizaria por mais cenas de Realidade na terceira posição), o que confirma em parte, especialmente neste grupo, a hipótese 1a que previa uma diferença na sequência de cenas entre as crianças da Casa da Praia e as crianças da amostra de aferição, nomeadamente por uma menor escolha de cenas de Realidade na terceira posição (e não apenas nos Cartões I, III e IV, como se verifica).

IV. 2 Caracterização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade (EEA)

Compararam-se o total das EEA usadas pela amostra do presente estudo com as usadas pela amostra de crianças sem problema psicológico identificado, do estudo de Pires (2001). Esta amostra é constituída por 100 crianças de ambos os sexos com idade compreendidas entre os 6 e os 10 anos. A distribuição de crianças, por grupo etário, difere nas duas amostras. Para evitar enviesamentos devido a esta diferente distribuição por níveis etários e, visto no estudo de Pires (2001) haver uma amostra homogénea, onde há igual número de sujeitos em cada classe etária e, na amostra da Casa da Praia, haver classes sub e sobre representadas, foi usada, nesta última, uma média ponderada de idades.

De forma a tornar possível a comparação, os sujeitos com 11 anos da amostra da Casa da Praia foram suprimidos, passando a amostra a $n= 113$.

IV.2.1 Comparação com o estudo de Pires (2001)

No Quadro 9 apresentam-se as percentagens médias das EEA usadas pelas duas amostras, no total dos sete cartões.

Quadro 9

Percentagem das EEA: Comparação com Resultados da Amostra do Estudo de Pires (2001) no total dos sete cartões

	Amostra da Casa da Praia ¹	Estudo de Pires (2001)
Impossibilidade	28	30
Negação	25	18
EEE	33	35
EAO	14	18

¹ Para facilitar a comparação, os dados foram arredondados à unidade.

Utilizou-se o teste t-Student, tomando como valor de referência a média obtida no estudo de Pires (2001). Observa-se que a amostra da Casa da Praia obtém uma média mais elevada na estratégia de Negação e uma média mais baixa na EAO, diferenciando-se significativamente da amostra do estudo de Pires (2001) (ver Quadro 10). É de notar que neste quadro não apresentamos os resultados médios em percentagem dado termos

recorrido ao cálculo de uma média ponderada. Ou seja, os valores apresentados variam de 0 a 7 e não de 0 a 100.

Quadro 10

Média das EEA: Comparação com Resultados da Amostra do Estudo de Pires (2001) no total dos sete cartões

	Casa da Praia	Pires (2001) ²		
	M¹	M	t	Valor p
Impossibilidade	1.93	2.1	-1.54	.127
Negação	1.78	1.26	4.28	.000
EEE	2.30	2.45	-1.45	.150
EAO	.99	1.26	-2.75	.007

¹ média ponderada da amostra da Casa da Praia.

² amostra de crianças sem problemas psicológicos identificados do estudo de Pires (2001).

No que respeita à caracterização das EEA na amostra de crianças da Casa da Praia (objectivo 2) salienta-se que na comparação as duas amostras se diferenciam significativamente quanto ao uso da Negação e da EAO, como visto anteriormente. Tal, permite confirmar, em parte a hipótese 2a onde se previa que a amostra de crianças da Casa da Praia usasse em maior número estratégias desadaptativas do que a amostra de comparação (e não apenas Negação), e em menor número de estratégias adaptativas do que a amostra de comparação (e não apenas EAO, como os resultados apontam).

A significativa maior utilização da Negação pelas crianças da Casa da Praia, comparativamente com a amostra do estudo de Pires (2001), pode ser explicada em resultado da exposição e confronto, das crianças da Casa da Praia, a situações de vida reais, especialmente difíceis. Parece haver uma dificuldade, por parte destas crianças, em lidar de forma adaptativa com situações que remetem para uma vivência mais ansiosa e, quando o fazem, é com recurso a uma fantasia defensiva. A Negação pode representar a via mais segura. Negando, a criança evita pensar, elaborar, contactar com a dor e o desprazer que a situação lhe provoca. Evitando a confrontação, a criança poderá impedir que se estabeleçam relações entre a cena para a qual o cartão remete e episódios da sua vida real, que lhe causam dor e desprazer. A Negação parece desempenhar, claramente um meio primordial na sua luta contra o sofrimento psíquico.

Como tal, e tendo em conta a informação constante no Quadro 10, parece evidente que esteja associada a um menor uso de estratégias de confronto emocional com a situação, como a EAO, pois tal implicaria reconhecer a emoção ansiosa, para poder encontrar uma solução adaptativa, uma estratégia de confronto que as crianças da Casa da Praia parecem não ter no mesmo grau que as estudadas por Pires (2001). Talvez por situações de vida real, talvez porque a dor psíquica bloqueie, talvez porque lhe falte um contentor que empreste o seu aparelho psíquico e as ajude a pensar.

As situações são vividas como mais ameaçadoras pelas crianças da Casa da Praia (provavelmente porque evocam acontecimentos dolorosos experimentados), mas também porque possuem menos recursos internos para lidar com a ansiedade que as situações representadas nos cartões lhe provocam.

IV.2.1.1 Correlações entre as quatro EEA, na amostra da Casa da Praia

No Quadro 11, salientam-se as correlações que se estabelecem entre a EEE e Impossibilidade; EAO e Negação, ambas de acordo com o que havia sido descrito por Pires (2001). Verificam-se também, correlações entre EEE e Negação, entre Negação e Impossibilidade e entre EEE e EAO.

Quadro 11

Correlações entre as quatro EEA na amostra de crianças da Casa da Praia

	Impossibilidade	Negação	EEE	EAO
Impossibilidade	1	-.38**	-.39**	-.10
Negação	-.38**	1	-.30**	-.50**
EEE	-.39**	-.30**	1	-.20*
EAO	-.10	-.50**	-.20*	1

* p<.05 ** p<.01

Os resultados encontrados demonstram uma importante relação entre EEE-Impossibilidade e EAO-Negação.

No primeiro caso, a possibilidade de fazer face à ansiedade integrando a fantasia e acedendo a uma solução é o oposto da Impossibilidade de resolver a situação ansiogénica desencadeada pelo estímulo (cartão).

No segundo caso, a capacidade para encontrar uma forma realisticamente adequada de lidar com a situação é o oposto da Negação, enquanto incapacidade de contactar a ansiedade suscitada pela situação proposta no estímulo.

IV.2.1.2 Análise em função do Cartão

No Quadro 12 apresentam-se as frequências médias de cada EEA em função do Cartão, nas duas amostras. Inclui-se também o resultado do teste não-paramétrico do Qui-Quadrado.

Quadro 12

Estratégias de Elaboração da Ansiedade: médias (em %) por Cartão

	Estratégia	CARTÃO						
		I	II	III	IV	V	VI	VII
Amostra da Casa da Praia	Impossibilidade	26.9	45.4	27.1	16.8	17	35.1	24.6
	Negação	32.4	26.9	15.7	25.6	10	33.7	33.9
	EEE	14.8	21	45.3	32.1	68.2	28.7	19.8
	EAO	25.9	6.7	11.8	25.5	4.8	2.4	21.7
Amostra do estudo de Pires (2001)	Impossibilidade	26	42	38	14	26	25	36
	Negação	25	13	13	13	12	20	27
	EEE	11	36	40	45	58	44	9
	EAO	38	9	9	28	4	11	28
Cartão	Valor de χ^2	Valor p						
I	8.02	.046						
II	27.01	.000						
III	6.56	.087						
IV	26.38	.000						
V	5.26	.154						
VI	35.12	.000						
VII	25.17	.000						

As respostas das duas amostras diferenciaram-se significativamente nos Cartões I, II, IV, VI e VII.

Apenas nos Cartões III e V não se verificam diferenças significativas entre as amostras. Sendo cartões que apelam mais para vivências de prazer as crianças parecem lidar com esta emoção de um modo similar ao das crianças sem problemas psicológicos identificados (Pires, 2001).

Em cartões que poderão provocar uma vivência mais intensa de ansiedade (I, II, IV, VI e VII) as crianças da Casa da Praia tendem a usar mais Estratégias desadaptativas (Negação e Impossibilidade) comparativamente com a amostra de crianças sem problemas psicológicos identificados (Pires, 2001), facto que, mais uma vez, poderá ser explicado pela ligação entre os temas dos cartões e as vivências reais destas crianças.

No que se refere ao Cartão I que, de certo modo, remete para um medo arcaico: a angústia da separação e da perda do objecto, as crianças parecem lidar com esta ameaça de perda de uma forma mais desadaptativa, negando a situação bem como a ansiedade que lhe está subjacente. Como consequência, a capacidade de lidar com a situação de uma forma mais operacional, através do uso de EAO, está também mais diminuída.

No Cartão II o medo da doença, a incapacidade para que a situação remete bem como a percepção da falta de recursos à sua volta que lhe permitam lidar com a situação, levam as crianças da Casa da Praia a negar ou a defrontarem-se com a Impossibilidade, mais do que as crianças da amostra de Pires (2001). Certamente que a grande maioria das crianças das duas amostras, já teve contacto com uma situação de doença e com o mal-estar e medo que essa situação provoca, contudo a vivência dessa situação, por parte das crianças da Casa da Praia pode estar marcada por uma maior falta de contenção, um menor apoio familiar, talvez tenha faltado quem as tranquilizasse nesse momento ou mesmo quem as apoiasse ou ajudasse, levando a esta incapacidade de lidar adaptativamente com a situação.

Situação semelhante poderá justificar as diferenças encontradas ao nível do Cartão IV, onde, mais uma vez, se verifica um uso maior de estratégias desadaptativas quando comparadas com a amostra do estudo de Pires (2001). A falta de contenção em situações de medo, a própria percepção da sua vida como um “pesadelo” poderão ser factores a ter em conta para fundamentar as estratégias usadas pelas crianças da Casa da Praia.

No que se refere ao Cartão VI que evoca para a ansiedade que uma discussão de casal pode provocar na criança, mais uma vez, as crianças da Casa da Praia lidam com esta ansiedade recorrendo mais a estratégias desadaptativas quando comparadas com as crianças da amostra de Pires (2001). Tendo em conta que muitas das crianças de Casa da Praia são oriundas de famílias desestruturadas, marginalizadas, onde a violência desempenha, muitas vezes, um papel de destaque no quotidiano, tal pode justificar este maior recurso à Negação e Impossibilidade. A primeira surge como uma defesa contra a ansiedade que o cartão pode provocar, a Impossibilidade parece apontar para a incapacidade real destas crianças em encontrarem uma resolução adaptativa para o conflito, tanto no que se refere ao cartão como no que se refere às vivências reais.

No Cartão VII, que remete para o contexto das dificuldades escolares, sobressai o menor uso de Impossibilidade e um maior uso de EEE das crianças da Casa da Praia quando comparadas com as crianças da amostra de Pires (2001).

A vivência das dificuldades escolares, por parte das crianças da Casa da Praia, parece ser elaborada, pensada e enfrentada. A situação de não saber face ao grupo escolar, para que o cartão apela, é uma situação comum para a maioria destas crianças. O sofrimento psíquico que poderá estar associado à situação parece ser elaborado pela criança ou recorrendo à fantasia como forma de lidar de forma harmoniosa com a ansiedade provocada pela situação. Nesta elaboração o papel da Casa da Praia poderá ser fundamental por proporcionar um ambiente mais contendor e tolerante face às dificuldades bem como por proporcionar soluções mais criativas.

IV.2.1.3 Análise em função da Idade

No Quadro 13 apresentam-se as percentagens médias de utilização de cada EEA por idade na amostra da Casa da Praia

Quadro 13

Percentagem das Estratégias de Elaboração da Ansiedade, no total dos sete cartões, por idade, na amostra da Casa da Praia

E.E.A.	IDADE				
	6	7	8	9	10
Impossibilidade	30.6	25.1	33	25.5	23
Negação	30.6	29.7	27.3	22.2	17.3
EEE	26.8	33.7	26.5	36	44
EAO	12.5	11.4	13.1	16.4	17.5

Verifica-se que uma grande percentagem das crianças de 6 anos utiliza Negação e Impossibilidade. Aos 7 anos, nota-se um decréscimo no uso de Impossibilidade e Negação, aumentando a percentagem de EEE. Na faixa etária dos 8 anos verifica-se que as estratégias adaptativas aumentam a sua percentagem quando comparadas com as faixas etárias anteriores. Aos 9 anos verifica-se um decréscimo do uso de estratégias desadaptativas bem como um aumento da utilização de estratégias adaptativas (comparativamente com as faixas etárias anteriores). No que se refere aos 10 anos a percentagem de estratégias adaptativas apresenta o seu valor mais elevado,

relativamente às faixas etárias anteriores, havendo um decréscimo nas percentagens de utilização de estratégias desadaptativas (ver Quadro 13).

Tal como postulado por Pires (ver Pires, 2001), também na amostra da Casa da Praia, a Impossibilidade e a Negação caracterizam as respostas das crianças de 6 anos. Aos 7 anos embora a Impossibilidade e a Negação tenham um grande peso, é a Estratégia com Equilibração Emocional (EEE) a mais usada. Parece haver, nas crianças da Casa da Praia com esta idade, um maior recurso à fantasia como forma de lidar com a ansiedade.

Tanto a Impossibilidade como a Negação tendem a diminuir com a idade e, tal como verificado por Pires (2001) o ponto de viragem é, também na amostra da Casa da Praia, os 8 anos.

No que concerne ao uso de EAO, tal como Pires (2001), também na amostra da Casa da Praia se verifica que o seu uso aumenta progressivamente nas crianças mais velhas. O desenvolvimento conduz a uma maior capacidade, também nas crianças da Casa da Praia, de lidarem com as variadas situações do seu quotidiano infantil de forma confrontativa e orientada para a realidade.

No que se refere ao uso de EEE, tende a aumentar com a idade, ao contrário do verificado por Pires (2001), possuindo percentagens bastante representativas em todas as faixas etárias. Embora haja um movimento interno de reconhecimento da ansiedade (Pires, 2001), a fantasia é integrada de modo a “equilibrar” a vivência de ansiedade, permitindo o acesso a uma resolução adaptativa.

Sendo a EEE uma estratégia criativa (e não meramente operacional) em que a Fantasia é bem integrada como recurso para equilibrar a realidade dolorosa, as crianças da Casa da Praia parecem revelar o resultado de um ambiente educativo com um maior estímulo à criatividade.

As diferenças que foram sendo encontradas na análise das Sequências de Cenas parecem ser concordantes com os resultados obtidos da comparação das Estratégias de Elaboração da Ansiedade.

A abordagem que era feita à temática do cartão, por parte das crianças da Casa da Praia e que se caracterizava, na maioria das vezes, por uma maior percentagem de cenas de Fantasia e/ou Realidade em detrimento de uma menor escolha de cenas de

Aflicção que culminava depois, no final da sequência por um acréscimo de cenas de Aflicção e/ou Fantasia face a cenas de Realidade corrobora a maior percentagem de Negação que as crianças da Casa da Praia apresentam quando comparadas com as crianças sem problemas psicológicos identificados, pois, a menor utilização de cenas de Aflicção na primeira posição e a sua posterior maior utilização bem como de Fantasia no término da sequência não representam mais do que uma Negação que a criança faz à ansiedade que o cartão desperta em si, tal como foi sendo avançado ao longo do trabalho.

Estando a Negação correlacionada com a Estratégia Adaptativa Operacional (EAO) tal justifica que a percentagem de EAO utilizada pelas crianças da Casa da Praia, em oposição ao que acontece com a Negação, desça. Contudo, se nos voltarmos a debruçar sobre os resultados encontrados nas Sequências de Cenas e, fundamentalmente na forma como esta termina, verificamos que, pelo facto das crianças da Casa da Praia optarem, regra geral, por um menor número de cenas de Realidade, prova que não houve a capacidade de arranjar uma solução adaptativa para a situação e, como tal, este resultado acaba por se espelhar numa menor utilização de EAO.

Um outro factor de interesse que se verifica é a grande representação de cenas de Fantasia em todas as idades da amostra da Casa da Praia. Tal poderá, de certa forma, justificar o facto da Estratégia com Equilibração Emocional (EEE) ter uma grande representação em todas as faixas etárias.

Capítulo V: Conclusão

Neste capítulo apresentam-se as conclusões, considerando os objectivos estabelecidos anteriormente

Relativamente à caracterização das respostas à Prova “Era uma vez...” na amostra de crianças da Casa da Praia realça-se que, em alguns cartões-estímulo, há uma menor utilização de cenas de Realidade na última posição da sequência por parte desta amostra de crianças, sendo mais visível na faixa etária dos 10-11 anos. Um outro factor curioso que foi encontrado, embora não tenha sido consagrada nas hipóteses, foi o facto de se verificar um padrão nas respostas neste grupo etário, caracterizado por uma menor utilização de cenas de Aflicção na primeira posição, repercutindo-se, na terceira posição, numa maior utilização destas bem como de cenas de Fantasia e menos de Realidade.

Quanto à caracterização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade (objectivo 2) realça-se que as crianças da Casa da Praia apenas apresentam diferenças quanto à Negação (fazendo um maior uso dela) e quanto à EAO (fazendo, consequentemente, um menor uso). Tal parece ser sugestivo da imaturidade emocional destas crianças e da sua dificuldade em lidar com a ansiedade de uma forma mais adaptativa. Quanto à evolução das EEA ao longo da idade, os resultados na amostra da Casa da Praia vão de acordo com os encontrados por Pires (2001), verificando-se um maior número de estratégias desadaptativas aos 6 e 7 anos, diminuindo à medida que a idade vai aumentando, ao mesmo tempo que aumenta o uso de estratégias adaptativas (em idades mais velhas).

Embora não tenha sido hipotetizado nada a este respeito, verificou-se que, na análise por cartão, as crianças da Casa da Praia se diferenciavam significativamente das crianças sem problemas psicológicos identificados (Pires, 2001) apenas nos cartões que remetiam para situações expressas de ansiedade. Este facto, deixa pistas quanto à eventual elaboração de sentimentos mais agradáveis versus desagradáveis nesta crianças. A Casa da Praia enquanto casa maternal, onde se tenta devolver à criança a alegria, o prazer de fazer, de realizar criativamente, talvez tenha um papel importante nesta elaboração, fundamentalmente do prazer.

No que se refere às limitações, começa por se referir a composição da amostra (diferente número de elementos por classe etária, onde a classe dos 6 anos está subrepresentada, contrastando, em comparação, com uma sobrerepresentação da classe dos 8 anos) o que faz com que a comparação das amostras possa estar enviesada. Quando efectuadas comparações verificavam-se diferenças significativas que depois desapareciam quando se ponderavam os resultados.

Embora a amostra tivesse um tamanho considerável, tornava-se reduzida quando comparada com os dados da amostra de aferição da Prova “Era uma vez...” (Fagulha, 1992/2007) o que pode ter contribuído para a não obtenção de resultados significativos em algumas das análises.

Quanto às Estratégias de Elaboração da Ansiedade, o facto de não se ter disposto dos dados de Pires (2001) para os valores de cada estratégia por idade, fez com que a comparação tivesse sido feita com base nas conclusões retiradas do estudo, não havendo forma de se efectuar um teste-estatístico que permitisse averiguar de forma fiável os resultados encontrados.

As diferenças encontradas entre a amostra da Casa da Praia e as amostras de comparação parecem atestar a capacidade discriminativa da Prova “Era uma vez...” permitindo, neste caso diferenciar a amostra da Casa da Praia das amostras de comparação face a alguns pontos.

Em estudos futuros sugere-se a constituição de amostras homogéneas por classe etária. A utilização da Prova noutros grupos de crianças com dificuldades na aprendizagem e com problema emocional de base seria também uma mais-valia.

Seria também pertinente que em novos estudos se especificassem vários tipos de dificuldades de aprendizagem bem como de problemas emocionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Beier, E. G. & Young, D. M. (1998). *The silent language of psychotherapy*. Chicago: Aldine Publishing Company.

Bellak, L. (1971). *The Thematic Apperception Test and the Children's Apperception Test in clinical use* (2ª Ed.). New York: Grune e Stratton.

Bellak, L. & Adelman, C. (1996). El test de apercepción infantil (CAT). In A. I. Rabin & M. R. Haworth (Eds.), *Técnicas Proyectivas Para Niños* (pp. 65-90). Buenos Aires: Editorial Paidós.

Berge, A & Santos J. (1976). *A higiene mental na escola*. Lisboa: Livros Horizonte.

Bettelheim, B. (1984). *Psicanálise dos contos de fadas*. Lisboa: Bertrand Editora.
(Trabalho original publicado em 1975)

Blum, G. S. (1950). *The Blacky pictures. A technique for the exploration of personality dynamics. Manual for instructions*. Michigan

Blum, G. S. (1996). El test de "Blacky" aplicado a niños. In A. I. Rabin & M. R. Haworth (Eds.), *Técnicas Proyectivas Para Niños* (pp. 107-115). Buenos Aires: Editorial Paidós.

Boekhold. M. (2000). *Provas temáticas na clínica infantil*. Lisboa: Climepsi Editores.
(Trabalho original publicado em 1993)

Caper, R. (1996). O brincar, a experimentação e a criatividade. *Livro Anual de Psicanálise*, 12, 129-138.

Castilho, C., Poppe, F. (2001, Junho). *Breve reflexão sobre as famílias de crianças com dificuldades de integração escolar*. Conferência apresentada no 3º Congresso Europeu de Psicopatologia da Criança e do Adolescente. Lisboa.

Corman, L. (1981). *Le test PN. Manuel*. Paris: Press Universitaires de France.
(Trabalho Original publicado em 1961)

Coulacoglou, C. (2002). Construct Validation of the Fairy Tale Test-Standardization Data. *International Journal of Testing*, 2(3-4), 217-241.

Cramer, P. (1987). The Development of Defense Mechanisms. *Journal of Personality*, 55(4), 597-614.

Cramer, P. (2009). An Increase in Early Adolescent Undercontrol Is Associated With the Use of Denial. *Journal of Personality Assessment*, 91(4), 331-339.

Cyrulnik, B. (2004). *O amor que cura*. Lisboa: Ésquilo

Estrada, R. (2008). *“Era uma vez...”: emoções, defesas e fantasias*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.

Fagulha, T. (1985). *A actividade lúdica como instrumento de relação na consulta psicológica da criança*. Relatório de orientação de aulas teórico-práticas, Provas de Aptidão Pedagógica e de Capacidade Científica, Faculdade de psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa (policopiado, 52 páginas).

Fagulha, T. (1992). *A Prova “Era uma vez...”: Uma prova projectiva para crianças*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.

Fagulha, T. (1994). A Prova “Era uma vez...”. Uma prova projectiva para crianças. *Análise Psicológica*, 4(12), 511-528.

Fagulha, T. (1996). A Prova “Era uma vez...”: apresentação de alguns resultados e ilustrações da sua aplicação clínica. *Psychológica*, 15, 107-112.

Fagulha, T. (1997/2002). *A Prova “Era uma vez...”*. Manual e material (3ªEd.). Lisboa: CEGOC/TEA.

Fagulha, T. (1999). Era uma vez... um menino com medo de morrer. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 1(1), 89-100.

Fagulha, T. (2004). “Era uma vez...” prova projectiva para crianças. In L. S. Almeida, M. R. Simões, C. Machado & M. M. Gonçalves (Eds.), *Avaliação psicológica. Instrumentos validados para a população portuguesa* (vol. 2, pp.109-122). Coimbra: Quarteto.

Fagulha, T. & Duarte Silva, M.E. (1996). Estudo longitudinal das respostas ao cartão VII do Teste “Era uma vez...”, em crianças com e sem dificuldade de aprendizagem. In L. Almeida, S. Araújo, M. Gonçalves, C. Machado & M. Simões (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (vol. 4, pp.119-129). Braga: APPORT.

Fagulha, T. & Pires, R. (1997). Mecanismos de defesa avaliados através da Prova “Era uma vez...”. In M. Gonçalves, I. Ribeiro, S. Araújo, C. Machado, L. Almeida & M. Simões (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (Vol. 5, pp.45-52). Braga: APPORT.

Ferreira, T. (2002). *Em defesa da criança. Teoria e prática psicanalítica da infância*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Fonagy, P. & Target, M. (1996a). Brincando com a realidade-I. Teoria da mente e do desenvolvimento normal da realidade psíquica. *Livro Anual de psicanálise*, 11, 11-26.

Fonagy, P. & Target M. (1996b). Brincando com a realidade-II. O desenvolvimento da realidade psíquica a partir de uma perspectiva teórica. *Livro Anual de psicanálise*, 11, 65-85.

Frank, L. K. (1965). Projective methods for the study of personality. In B. I. Murstein (Ed.), *Handbook of Projective Techniques* (pp. 1-22). New York: Basic Books

Freud, S. (1978). Creative writers and day-dreaming. In J. Strachey (Ed. e Trans.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. IX pp.141-153). London: Hogarth Press and Institute of Psycho-Analysis.
(Trabalho original publicado em 1908)

Freud, S. (2000). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Textos essenciais da psicanálise* (Vol. II, pp. 13-118). (2ª Ed.). Mem Martins: Publicações Europa-América.
(Trabalho original publicado em 1905)

Freud, S. (2009). *Para além do principio do prazer*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
(Trabalho original publicado em 1920)

Gardner, R. A. (1993). Historical considerations regarding child psychotherapeutic techniques. In *Psychotherapy with children* (pp. 1-30). New Jersey: Jason Aronson.

Gazella, J., & Stockman, I. (2003). Children's story retelling under different modality and task conditions: Implications for standardizing language sampling procedures. *American Journal of Speech-Language Pathology*, 12(1), 61-72.

Gobbo, K., & Shmulsky, S. (2007). Meeting the Needs of Students with Complex Psychological and Educational Profiles. *College Teaching*, 55(3), 134-135.

Gonçalves, B. (1997). A utilização do teste de Szondi com crianças: estudo comparativo com a prova “Era uma vez...”. In M. Gonçalves, I. Ribeiro, S. Araújo, C. Machado, L.

Almeida & M. Simões (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (Vol. 5, pp.713-720). Braga: APPORT.

Green, J., Stanley, C., Smith, V., & Goldwyn, R. (2000). A new method of evaluating attachment representations in the young school-age children: The Manchester Child Attachment Story Task (MCAST). *Attachment & Human Development*, 2(1), 48-70.

Handwerk, M., & Marshall, R. (1998). Behavioral and Emotional Problems of Students with Learning Disabilities, Serious Emotional Disturbance, or Both Conditions. *Journal of Learning Disabilities*, 31(4), 327-338.

Jones, R. (2001). The School Apperception Story Procedure. *British Journal of Guidance & Counselling*, 29(1), 47-64.

Klein, M. (1975). *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
(Trabalho original publicado em 1932)

Klein, M. (1980). A técnica psicanalítica através do brinquedo: Sua história e significado. In M. Klein, P. Heimann, & R. E. Money-Kyrle (Eds.), *Novas tendências na psicanálise* (pp.25-48). Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Laible, D., Carlo, G., Torquati, J., & Ontai, L. (2004). Children's Perceptions of Family Relationships as Assessed in a Doll Story Completion Task: Links to Parenting, Social Competence, and Externalizing Behavior. *Social Development*, 13(4), 551-569.

Leal, M. R. M. (1985). Brincar. In *Introdução ao estudo dos processos de socialização precoce da criança* (pp. 61-73). Lisboa: Edição da Autora.
(Trabalho original publicado em 1975)

Lebovici, S., & Diatkine, R. (1986). *Significado e função do brinquedo na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Lebovici, S., Soulé, M.(1980). *O conhecimento da criança pela psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

(Trabalho original publicado em 1970)

Levine, L., Burgess, S., & Laney, C. (2008). Effects of discrete emotions on young children's suggestibility. *Developmental Psychology*, 44(3), 681-694.

Marcelli, D. (2005). *Infância e psicopatologia*. Lisboa: Climepsi.

(Trabalho original publicado em 1982).

Murray, H.A. (1981). *Teste de Apercepção Temática. Manual*. S. Paulo: Editora Mestre Jou.

(Trabalho original publicado em 1943)

Nwokah, E. (1982). 'Once upon a time': Aspects of story-telling in normal and retarded children. *Language and Speech*, 25(3), 293-298.

Onofre, P. S. (1997). Antes do poder do adulto, o princípio...era o brincar e...antes da invenção da escola, o princípio...era o jogo. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 14, 83-91.

Pires, R. (2001). *Estratégias de Elaboração da Ansiedade nas respostas Sequências de Cenas à Prova “Era uma vez...”*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.

Rabin, A. I. (1981). Projective methods: A historical introduction. In A. I. Rabin (Ed.), *Assessment With Projective Techniques- A Concise Introduction* (pp. 1-22). New York: Springer Publishing Company.

Rabin, A. I. & Zlotogorski, Z. (1981). Completion methods: Word association, sentence, and story completion. In A. I. Rabin (Ed.), *Assessment With Projective Techniques- A Concise Introduction* (121-149). New York: Springer Publishing Company.

Rabin, A. I. (1996). Los métodos proyectivos y la proyección en los niños. In A. I. Rabin & M. R. Haworth (Eds.), *Técnicas Proyectivas Para Niños* (pp. 21-28). Buenos Aires: Editorial Paidós.

Ramos, F & Silvério, I. (1999). Modelo de intervenção. In *Pare, Escute e Pense- o sentir, o pensar e o agir na evolução das crianças e dos jovens. Actas do 1º Encontro do Centro Dr. João dos Santos - Casa da Praia* (pp. 47-59). Lisboa: Centro Dr. João dos Santos – Casa da Praia.

Ripich, D., & Griffith, P. (1988). Narrative abilities of children with learning disabilities and nondisabled children: Story structure, cohesion, and propositions. *Journal of Learning Disabilities*, 21(3), 165-173.

Rock, E., & Fessler, M. (1997). The concomitance of learning disabilities and emotional/behavioral disorders: A conceptual model. *Journal of Learning Disabilities*, 30(3), 245.

Salgueiro, E. (1981). A criança difícil na escola – reflexões de um médico-escolar. *Revista Desenvolvimento da Criança*, 3, (1/2), 41-46.

Salgueiro, E. (1995). Sentir, fazer e conhecer- aprender a conhecer e conhecer para aprender. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 8, 21-24.

Salgueiro, E. (1996). Sentir, pensar e aprender. Homenagem a Serge Lebovici no seu 80º aniversário. *Análise Psicológica*, 1(14), 53-59.

Santos, J. (2007). *A Casa da Praia. O psicanalista na escola*. Lisboa: Livros Horizonte. (Trabalho original publicado em 1988)

Santos, J. (1990). A família e o insucesso escolar – psicopatologia da organização familiar e dificuldades na iniciação à aprendizagem escolar. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 9, 5-18.

Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1964)

Segal, H. (1991). *Dream, phantasy and art*. New York: Routledge.

Segal, H. (1994). Fantasia e realidade. *Livro Anual de psicanálise*, 11, 41-47.

Shapiro, L., & Hudson, J. (1991). Tell me a make-believe story: Coherence and cohesion in young children's picture-elicited narratives. *Developmental Psychology*, 27(6), 960-974.

Shneidman, E. S. (1996). El MAPS aplicado a niños. In A. I. Rabin & M. R. Haworth (Eds.), *Técnicas Proyectivas Para Niños* (pp. 136-149). Buenos Aires: Editorial Paidós.

Spinillo, A., & Pinto, G. (1994). Children's narratives under different conditions: A comparative study. *British Journal of Developmental Psychology*, 12(2), 177-193.

Strecht, P. (1998). *Aprender a viver (perturbações emocionais e dificuldades de aprendizagem)*. In D. Sampaio (Ed.), *Vivemos livres numa prisão* (pp.47-62) Lisboa: Editorial Caminho.

Strecht, P. & Cols. (1995). Projecto piloto da Casa da Praia: Um estudo piloto de 19 crianças com dificuldades de iniciação à aprendizagem escolar. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 8, 53-57.

Taggart, L., Cousins, W., & Milner, S. (2007). Young People with Learning Disabilities Living in State Care: Their Emotional, Behavioural and Mental Health Status. *Child Care in Practice*, 13(4), 401-416.

Varnhagen, C., Morrison, F., & Everall, R. (1994). Age and schooling effects in story recall and story production. *Developmental Psychology*, 30(6), 969-979.

Wallon, H. (1980). O jogo. *Psicologia*, 1(2), 175-180.

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1971)

Woolgar, M. (1999). Projective Doll Play Methodologies for Preschool Children. *Child & Adolescent Mental Health*, 4(3), 126-134.

Wursten, H. (1996). Completamiento de cuentos: Los cuentos de Madeleine Thomas y outros métodos similares. In A. I. Rabin & M. R. Haworth (Eds.), *Técnicas Proyectivas Para Niños* (pp. 181-192). Buenos Aires: Editorial Paidós.